

O Museu Nacional Vive!

Memórias e Perspectivas



#museu
nacional
vive

MUSEU
NACIONAL
UFRJ

Centro Cultural

Secretaria de
Comunicação Social

CÂMARA DOS
DEPUTADOS

O Centro Cultural Câmara dos Deputados e o Museu Nacional apresentam a exposição

O Museu Nacional Vive!

Memórias e Perspectivas

Brasília, setembro de 2019.

A exposição O Museu Nacional Vive! Memórias e Perspectivas, ora montada na Câmara dos Deputados, enfatiza a eminência histórico-cultural da mais antiga instituição científica do Brasil. Localizado na cidade do Rio de Janeiro, o museu tem exercido papel fundamental no fomento da pesquisa acadêmica nacional e na difusão do conhecimento – por meio da oferta de cursos de pós-graduação e da realização de inúmeras mostras educativas voltadas para estudantes e para o público em geral, entre outras atividades de extensão.

Por meio da presente exposição, é possível conhecer curiosidades sobre a história dessa instituição bicentenária, fundada por Dom João VI em 1818, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1938 e incorporada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1946. Os espectadores podem se surpreender ainda com imagens externas e internas do Palácio de São Cristóvão e com representações do rico acervo da Biblioteca e dos Departamentos de Botânica, Geologia, Paleontologia, Invertebrados, Entomologia, Vertebrados e Antropologia, por exemplo.

Outro destaque da mostra, lamentavelmente, é o incêndio que destruiu parte considerável do prédio e das coleções do museu em 2 de setembro de 2018. O infortúnio marcou de forma indelével a trajetória da instituição, mas o lamento já cedeu espaço à solidariedade, à resistência e à esperança.

Uma réplica do crânio da Luzia, fóssil mais antigo das Américas, encontrado em Minas Gerais na década de 1970, faz parte da exposição. A peça foi feita em 3D com cinzas recolhidas do incêndio e, inevitavelmente, representa a resistência da instituição que agora busca se reerguer.

Há vários professores, pesquisadores, alunos, colaboradores, autoridades governamentais e não governamentais se dedicando ao resgate e à reconstrução do patrimônio destruído. Atento a esse contexto, o Centro Cultural Câmara dos Deputados deseja à rede de amantes da ciência todo o sucesso na empreitada. Que o Museu Nacional continue cada vez mais vivo na memória dos brasileiros e que suas perspectivas de futuro se concretizem de forma rápida e satisfatória.

“É um palácio, emoldura a beleza

Abrigou a realeza, patrimônio é raiz

Que germinou e floresceu na colina

A obra-prima viu o meu Brasil nascer”

Trecho do samba-enredo Uma Noite Real No Museu Nacional, da G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense (RJ), Carnaval 2018

Centro Cultural Câmara dos Deputados

O Palácio de São Cristóvão, com sua arquitetura neoclássica, realça a magnitude do Museu Nacional e de nossa herança imperial. Ali, significativos episódios marcaram a história do país. A Câmara dos Deputados, no contexto de valorização da história e do apoio à cultura nacional, realiza a exposição Museu Nacional Vive! Memórias e Perspectivas.

Referência mundial em História Natural e Antropologia, o Museu Nacional é retratado em belíssimas imagens no corredor principal de acesso ao Plenário Ulysses Guimarães, palco das mais importantes decisões que afetam a vida do País. A simbologia do caminho que leva ao espaço dos debates parlamentares retrata a importância da cultura na consolidação da democracia cidadã idealizada pelos constituintes.

O patrimônio científico, cultural e histórico do Brasil é perenizado nas imagens trazidas por Thereza Baumann, curadora da exposição que retrata a grandiosidade do acervo mantido pelo Museu Nacional. A Câmara dos Deputados, com essa bela exposição, demonstra sua solidariedade incondicional ao Museu Nacional, a seus funcionários e a todos que valorizam o conhecimento, a cultura e a história de todos nós.

Deputada Soraya Santos

Primeira-Secretária da Câmara dos Deputados

O Museu Nacional Vive:

A exposição "Memórias e perspectivas", apresenta a história do Museu Nacional desde os primórdios de sua criação, em 1818, como instituição inserida no processo de surgimento da nação brasileira, demonstrando sua importância cultural, científica e histórica.

Atingido em 2018 por um incêndio devastador logo após completar 200 anos, o Museu, não obstante, reafirma as perspectivas de restaurar seu prédio histórico, recuperar simbolicamente o seu acervo e projetar sobre o futuro a sua vocação perene de busca, renovação, pesquisa e divulgação do conhecimento como instrumentos de inclusão social, mantendo viva sua inserção na sociedade através do compartilhamento da memória como um bem comum universal.

O Museu Nacional Vive!

Museu

A CASA DOS PÁSSAROS

Luiz de Vasconcelos e Souza, o décimo segundo Vice-rei do Brasil, iniciou a construção de um prédio no Campo da Lampadosa (atual Avenida Passos) que seria dedicado à História Natural e vinculado às instituições científicas de Lisboa e Coimbra. Para abrigar os espécimes da fauna brasileira enquanto o prédio não era concluído, o Vice-rei fez construir um grande barracão que ficaria conhecido por Casa dos Pássaros devido à sua proximidade com a Lagoa Panela, local frequentado por inúmeras espécies de aves aquáticas, ali capturadas para integrar as coleções. Por essa razão, o primeiro dirigente da Casa, Francisco Xavier Cardoso Caldeira, tornou-se conhecido como Xavier dos Pássaros. Todavia, o sucessor de Luiz de Vasconcelos não deu continuidade às obras e o prédio nunca ficou pronto. As pesquisas e a coleta de acervo foram interrompidas após a morte de Xavier. Com a instalação da Corte no Rio de Janeiro, o entreposto de produtos naturais tornou-se ocioso. A Casa dos Pássaros foi extinta em 1815. O acervo composto por aves, insetos e mamíferos foi encaminhado ao Arsenal de Guerra do Exército para instrução dos alunos da Academia Real Militar. Futuramente seria transferido para o Museu Real.



Retrato de D. João VI
Óleo sobre tela (s/d)
Autor: anônimo

D. JOÃO VI

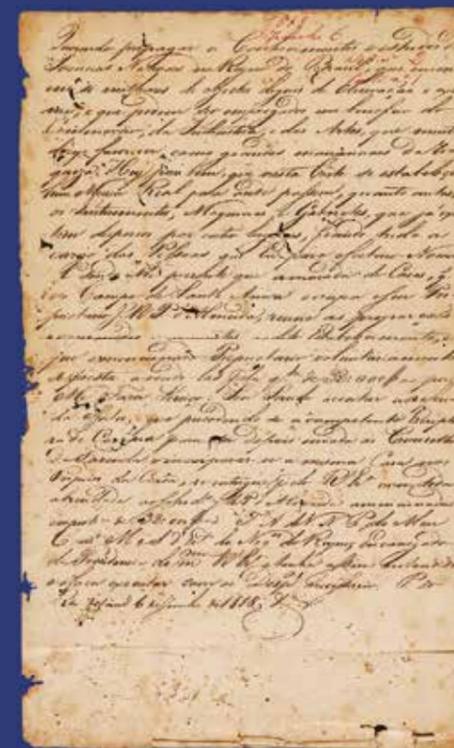
D. João VI (1767-1826), filho de D. Maria I. Em 1799, tornou-se Regente de Portugal. Casado com D. Carlota Joaquina, foi pai de nove filhos. Com a morte de D. Maria, em 1816, tornou-se rei de Portugal até 1826, data de sua morte. Em 1818, foi aclamado primeiro rei da América. Foi o responsável pela transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808, como consequência da ocupação francesa em Portugal. O Rio de Janeiro tornou-se palco de um processo civilizatório que correspondeu à ocidentalização e à importação dos padrões e valores europeus fundamentais ao estabelecimento da Corte. D. João estabeleceu as relações comerciais abrindo os portos às nações amigas e recriou as principais instituições régias indispensáveis à administração do governo, sobretudo após a elevação do Brasil ao

Reino Unido de Portugal e Algarves: a Mesa de Desembargo do Paço, e da Consciência, e Ordens; a Casa da Suplicação e a Intendência Geral da Polícia; o Banco do Brasil; a Imprensa Régia; o Horto Real (atual Jardim Botânico); a Escola Anatômica Cirúrgica e Médica; a Academia Militar Real; o Teatro Real São José; a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios (mais tarde Academia de Belas Artes). Em 1818 criou o Museu Real.

Real

Decreto de Criação do Museu Real Manuscrito.
Datado de 6 de junho de 1818, assinado por D. João VI

“ Querendo propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais no reino do Brasil, que encerra em si milhares de objetos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em benefício do comércio, da indústria e das artes, que muito desejo favorecer como grandes mananciais de riqueza: hei por bem que nesta corte se estabeleça um museu real, para onde passem, quanto antes, os instrumentos, máquinas e gabinetes que já existem dispersos por outros lugares...”



A Casa dos Pássaros, D João VI e

CRIAÇÃO DO MUSEU

O decreto de D. João VI para criação do Museu Real, de 6 de junho de 1818, expressa suas principais vocações inter-relacionadas e que definem até hoje o caráter dinâmico e científico da instituição: a pesquisa acadêmica e a divulgação desse conhecimento para o grande público através das exposições do seu acervo.

MUSEU REAL

O Museu Real foi instalado em um prédio adquirido por D. João VI no centro do Rio de Janeiro, no antigo Campo de Santana, hoje Praça da República. Esse local era conhecido também como Campo de Aclamação por ter sido palco dos festejos públicos da aclamação de D. João VI em 1818 e de D. Pedro I em 1822. A área em torno do Campo de Santana, antes periférica, tornou-se, com a instalação da corte, área nobre da cidade.



Matriz de litografia
Representando a fachada do Museu Imperial
(Museu Nacional no Campo de Santana)

Sede do Museu Nacional no Campo de Santana
Litografia (1870)
A litografia reproduzindo a primeira sede do Museu Nacional, situada no Campo de Santana, foi encomendada para ilustrar o livro *Investigações Históricas e Científicas do Museu Nacional*, escrito e publicado em 1870 pelo diretor do Museu, Ladislau de Souza Mello Neto, com o objetivo de divulgar o Museu e incentivar o intercâmbio cultural e científico com instituições congêneres.

Imagem do fundo
D. João VI e Dona Carlota Joaquina na Quinta da Boa Vista
Óleo sobre tela (1816-1820)

D. João VI atravessando a ponte sobre o rio Joana (atual rio Maracanã), na Quinta da Boa Vista. Seu autor, Nicolas Antoine Taunay (1755-1830), francês, pintor de paisagens, integrou a Missão Francesa. Esteve no Brasil entre 1816 e 1821.

o decreto do Museu Real

PRIMEIRO ACERVO

As coleções do Museu não se restringiram apenas às “riquezas da terra”. Às coleções originadas da antiga Casa dos Pássaros acrescentaram-se objetos artísticos e históricos que transcendiam os limites físico-temporais do Brasil e que imprimiram o seu caráter cosmopolita, como, por exemplo, a Coleção Mineralógica Werner e a Taça de prata dourada e coral, representando a batalha de Constantino. E, ainda, dois armários octaedros contendo 80 modelos de oficinas de profissões mais comuns nos fins do século XVIII, fabricados por ordem de D. Maria I para instrução dos príncipes; coleções de quadros a óleo, antiguidades e armas; e o trono Daomé, doado, a mando do rei Adonzoan, em 1818, a D. João VI.

Museu

Amostras da Coleção Werner

Cristais ramificados e arborescentes de prata, procedentes de Schneeberg, Alemanha; cristal de calcita procedente de Leisterschire, Inglaterra. A coleção foi adquirida no século XVIII pela Coroa Portuguesa e trazida para o Brasil por D. João VI.

Taça-Cofre

Prata dourada e coral (s/data)

Doada por D. João VI ao criar o Museu Real. Ornada com escultura em coral representando a batalha de Constantino. Nas laterais, dragões esculpidos em bronze.

Trono de Daomé

Procedência: Daomé, África. Madeira esculpida. Provavelmente do fim do século XVIII e inícios do XIX. Peça doada pelos embaixadores do rei Adonzoan quando de sua visita ao Rio de Janeiro ao então príncipe regente D. João, em 1811. O trono foi incorporado ao Museu Real em 1818.



D. PEDRO I

Primeiro Imperador do Brasil (1822-1831) e rei de Portugal com o título de D. Pedro IV, segundo filho de D. João e D. Carlota Joaquina, nasceu em Queluz, Portugal, em 12 de outubro de 1798. Chegou ao Rio de Janeiro em 1808 com a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro. Casou-se, em 1817, com D. Leopoldina, Arquiduquesa austríaca, com quem teve sete filhos. Tornou-se regente do Brasil em 1821, após a partida de D. João VI para Portugal. Em 7 de setembro de 1822, proclamou a Independência do Brasil. Foi aclamado Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.

Após a morte de D. Leopoldina, ocorrida em 1826, D. Pedro casaria com a princesa D. Amélia Augusta Eugênia. Em 1831, após abdicar do trono brasileiro, voltaria a Portugal, deixando seu filho, D. Pedro, como herdeiro do trono. Morreu em 1834, em Queluz, considerado o herói que libertou Portugal da opressão.

Aclamação de D. Pedro I
Jean-Baptiste Debret
Óleo sobre tela-1829

A obra retrata a Aclamação de D. Pedro I como Imperador em 12 de outubro de 1822 no Campo de Santana. Ao fundo, o prédio do Museu Nacional, hoje Casa da Moeda.

Palácio Real de Boa Vista em São Cristóvão nas Proximidades do Rio de Janeiro

Litografia colorida, 1817
Autor : Thomas Ender

Vista do palácio no período de D. João. A imagem representa a primeira fase das obras de adaptação da antiga casa de Elias



São Cristóvão

Gravura, água-tinta, 1825
Autor: Maria Graham

A imagem representa a vista do palácio no período imperial de D. Pedro I já com o Torreão Norte e portão construídos por John Johnston.



Paço de São Cristóvão

Desenho aquarelado, circa. 1850-1840
Autor: Della Michellerie
Paço Imperial já com o Torreão Sul, projetado por Pierre Pézerat.



Família Imperial: Patronos do Primeiro Museu de



Estela de Senusret-Iunefer

XII Dinastia, circa.1897- 1878 a.C
 Calcário policromado
 Procedência: Ábidos - Egito

Descrição: sentado em uma cadeira, diante de uma mesa de oferendas, vê-se Senusret-Iunefer. Na outra extremidade, sentada no chão, está sua mãe, segurando uma flor de lótus. Sob essa cena, estão representados, em duas fileiras, homens e mulheres da sua família. Objetos que pertenceram a Senusret-Iunefer encontram-se em vários museus pelo mundo. Uma estela semelhante está no Museu do Cairo.



Máscara Dourada

Egito Antigo.
 Período ptolomaico, 304 a.C
 Cartonagem com douração.

A máscara era colocada sobre a face das múmias com as feições do morto, de forma idealizada. Recebiam um aplique de folha de ouro de modo a se assemelharem aos deuses que, segundo os antigos egípcios, possuíam pele de ouro.

MUSEU IMPERIAL – MUSEU NACIONAL

Após a Independência do Brasil, em 1822, o Museu passa a ser denominado Museu Imperial, e a partir de 1830, será conhecido como Museu Nacional. Durante esse período, o apoio da Imperatriz Leopoldina e de José Bonifácio fortalecem o caráter científico e contribuem para o enriquecimento das suas coleções. O Museu passa a atuar como órgão consultivo do governo, recebendo produtos provenientes das várias regiões do Brasil, colônias ultramarinas e do intercâmbio com outras nações. Para tanto, seria criado, em 1824, o primeiro laboratório químico destinado a auxiliar a identificação e a classificação do material recebido. Graças a essas iniciativas, a coleção inicial cresceu rapidamente com a inclusão de espécimes botânicos, zoológicos, fósseis, amostras mineralógicas, medalhas, moedas, artefatos arqueológicos e etnográficos. A esses artefatos seriam acrescentados os artefatos do Pacífico e a importante coleção egípcia. A partir de 1821 o Museu passou a abrir as suas quatro salas aos visitantes.



Detalhe da Lateral do

Sarcófago do Sacerdote Hori
 XXI Dinastia Tebas Ocidental,
 Egito Antigo, circa. 1049 a 1026 a.C.
 Madeira policromada

O detalhe mostra uma cena de cosmogonia: a Deusa Nut, personificação da abóboda celeste, despida e arqueada sobre o deus Geb, seu esposo e personificação da Terra. No centro, está Shu, deus do ar, ajudado por dois deuses com cabeça de carneiro personificando os ventos. Nas crenças egípcias, tal cena era associada ao conceito de ressurreição: o morto se transformava em estrela no interior do corpo de Nut.



Vitrine com Múmia
 "romana" século I

Essa múmia do período do domínio romano no Egito apresenta características pouco usuais, por ter sido embalsamada com os membros separados.

História Natural das Américas

Vasos Canopos

III Período Intermediário, circa. 1700-1650 a.C.
Pedra Calcária, Egito Antigo.

Os Vasos Canopos eram utilizados para guardar as vísceras embalsamadas durante o processo de mumificação. As tampas desses exemplares representam os Quatro Filhos de Horus. O vaso com tampa de cabeça de chacal representa o deus Duamutef, e, neste vaso, era guardado o estômago. A peça com cabeça de babuíno representa o deus Hapy e guardava os pulmões. A peça com cabeça de falcão representa o deus Qebehsenuef e guardava os intestinos. A peça com cabeça de homem, Imset, guardava o fígado.



Amuleto Fálico

Saqqara, Egito Antigo. Período tardio, circa. 660-580 a.C.
Faiança

Figura masculina macrofálica usada como amuleto representando um homem tocando tamborim.



Gato Mumificado

Período Romano, I Séc. aC
Bandagem de linho e cartonagem

Os antigos egípcios mumificavam também animais, além de seres humanos. Os mais populares eram os gatos, e suas múmias eram oferecidas à deusa-gata Bastet. A crença na intervenção divina intermediada por um animal mumificado provocou o surgimento de uma verdadeira indústria de mumificação de animais com criadouros e abatedouros que forneciam corpos para mumificação.



Estatueta de Jovem Dama Egípcia

XVIII Dinastia, 1500-1450 a.C.
Calcário policromado, Tebas, Egito

Essa imagem fragmentada representa uma mulher da elite trajando vestido de linho pregueado. Ela segura nas mãos uma flor de lótus, sinal de renascimento, e na cabeça traz um cone de incenso. Representações femininas como esta eram características do luxo do período.



Manto e Colar Owhyen

Procedência: Ilhas Sandwich, hoje Havaf

Confeccionados em plumas. Foram doados a D. Pedro I pelo rei Tamehameha II, em 1824, quando de sua passagem pelo Rio de Janeiro. Em 1824, depois de 82 dias de viagem, a caminho da Inglaterra, chegava ao Rio de Janeiro, vindo das ilhas Sandwich, o navio L'Aigle. Trazia a bordo o rei Tamehameha II, a rainha Tamehamalu e pequena comitiva. Foram recepcionados por Pedro I e D. Leopoldina, que ofereceram ao rei uma espada e à rainha um anel de brilhantes. O manto e o colar presenteados por Tamehameha II foram incorporados ao acervo do Museu Imperial.



Dama Takushit

Estatueta identificada como sendo da Dama Takushit XXII/XXIII Dinastias Tebas, Egito Antigo, circa. 750 a.C. Madeira coberta de gesso, pintada e dourada.

Essa mulher tinha a função sacerdotal de ser a "esposa divina do Rei Amon", para a qual eram escolhidas entre as jovens de ascendência real. Essa era a função de maior destaque que a mulher poderia exercer no sacerdócio egípcio.

D. LEOPOLDINA

D. Leopoldina 1797-1826 (Maria Leopoldina Josefa Carolina). Arquiduquesa da Áustria, esposa de D. Pedro I, foi a primeira imperatriz do Brasil. Chegou em 1817. Veio acompanhada de uma missão científica formada por naturalistas e artistas, como Johann Natterer, Johann Pohl, Johann Baptist von Spix, Carl Friederich von Martius e o paisagista Thomas Ender. D. Leopoldina teve grande relevância no processo de constituição do Império do Brasil. Foi mãe de dois soberanos - D. Maria da Glória, de Portugal e D. Pedro II, Imperador do Brasil. Erudita e com profundos conhecimentos de botânica, geologia, e mineralogia, D. Leopoldina exerceu, junto a D. João, decisiva influência na criação do Museu Real.



**NEUS SYSTEMATISCHES
CONCHYLIIEN**
1778-1795
Friedrich Heinrich Wilhelm Martini e
Johann Hieronymus
Chemnitz

Obra em 11 volumes com 567 estampas coloridas. É uma das obras mais importantes nessa área do conhecimento. A Biblioteca do Museu possui a obra completa. Essa obra pertence à Imperatriz Leopoldina e foi doada por D. Pedro II e incorporada à Biblioteca em 1892.



Asteraceae *Leria nutans* Less e
Polypodiaceae *Polypodium* sp.

Espécimes das coleções de plantas coletadas pela Família Imperial.



D. PEDRO II

D. Pedro II nasceu no Paço de São Cristóvão, a 2 de dezembro de 1825. Filho de D. Pedro I e D. Leopoldina, ficaria órfão de mãe antes de completar um ano de idade.

Em 1831, com a abdicação de D. Pedro I para assumir o trono de Portugal, D. Pedro II, então com cinco anos, foi aclamado Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil. Sua maioridade foi antecipada para que ele assumisse o trono com quatorze anos.

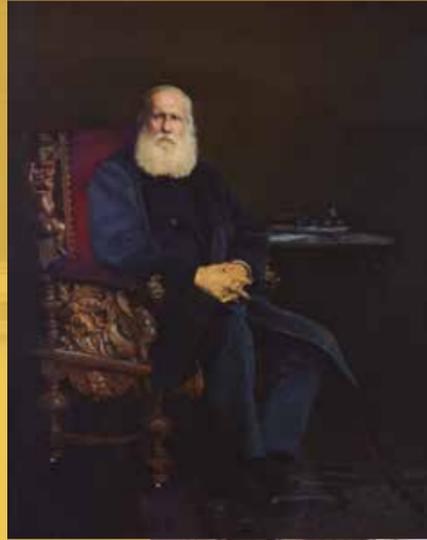
Em 1843, casou-se com a princesa italiana D. Teresa Cristina, com quem teve quatro filhos – os príncipes D. Afonso Pedro e Pedro Afonso, que morreram crianças, e as princesas D. Leopoldina e D. Isabel, a Redentora. D. Pedro II recebeu sólida formação intelectual, dominando vários idiomas, inclusive sânscrito e hebraico. Dedicava-se à astronomia e a pesquisas de mineralogia, botânica e arqueologia. Acompanhou o desenvolvimento científico e as invenções contemporâneas como a fotografia e o telefone. Apoiou o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o Museu Nacional e criou instituições de ensino como o Colégio D. Pedro II.

D. Pedro II governou o Brasil durante 49 anos, consolidou a ordem interna do país e a centralização do poder, aperfeiçoou o governo parlamentar, enfrentou a guerra do Paraguai, lutou contra o tráfico negreiro. A expansão cafeeira durante o período propiciou a construção de ferrovias, indústrias, bancos, transportes urbanos e iluminação pública. Mas as tensões políticas e econômicas geradas pelos movimentos abolicionistas e anseios republicanos da década de 1880, agravadas pelo descontentamento dos militares e dos “barões do café” com a abolição da escravatura pela Lei Áurea em 15 de maio de 1888, culminaram com a Proclamação da República e o fim do Império em 15 de novembro de 1889.

Deposto, D. Pedro II e a família imperial partiram para o exílio em Portugal, onde, logo depois, morreria D. Teresa Cristina. D. Pedro II exilou-se na França, onde entregou-se ao estudo da língua tupi e às atividades acadêmicas, até sua morte, em Paris, a 5 de dezembro de 1891.

D. Pedro I I, 1825 - 1891
Óleo- 1891

Último retrato de D. Pedro II. Foi pintado durante seu exílio na França, em 1891.



Vista da Sala do Trono de D. Pedro I I, Torreão Norte

Paredes e teto com pintura “trompe l’oeil” (engana o olho), pintura a seco e douramento nas paredes, nas sancas e no forro. Autoria de Mário Bragaldi, circa.1856-1861

Torá que Pertenceu a D. Pedro II Pergaminho, provavelmente século XIII

Manuscritos Irvin, Rolo VIII de uma coleção de nove rolos escritos em hebraico. A passagem em destaque é do Deuteronômio (9:25 a 12:27). Obra fundamental para as religiões judaica e cristã. Reúne os cinco primeiros livros (Pentateuco) da Bíblia. De acordo com tradição, a Torá teria sido entregue por Deus a Moisés no Monte Sinai. Pertenceu ao acervo particular de D. Pedro II. Foi incorporada ao acervo de obras raras da Biblioteca Central (Horto Botânico) do Museu Nacional.



O MUSEU NACIONAL E D. PEDRO II

Durante o século XIX, o universo da ciência cresceria muito, e o Museu Nacional contribuiria de forma relevante para esse progresso. O incentivo de D. Pedro II seria fundamental para manter o museu como um importante centro difusor de cultura e de ciência na Corte, estabelecendo intercâmbios e permutas com instituições estrangeiras, mantendo vínculos com as Academias de Medicina, de Belas Artes e Militar, além de contribuir com a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, com o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e com o Jardim Botânico. Além disso, o Museu franquearia aos interessados suas galerias expositivas, herbários e laboratórios. Em 1863, a instituição criou uma biblioteca especializada em ciências naturais e antropológicas; a partir de 1876, um regulamento definido pelo diretor do Museu, Dr. Ladislau Neto, estabeleceu que diretores e pesquisadores do Museu passariam a divulgar suas pesquisas por meio de cursos e do periódico Archivos do Museu Nacional, que foi criado para esse fim. Reafirmava-se, assim, a vocação primordial do Museu como centro de pesquisas e de divulgação das ciências.

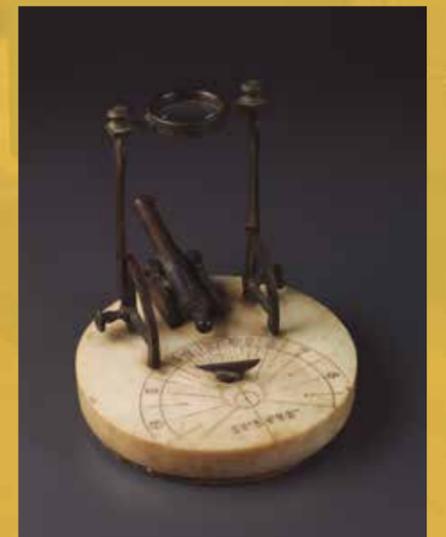


Canhão do Meio-Dia
Cerca. 1858

Relógio de sol composto de pequeno canhão de bronze em base de mármore com quadrante solar com dois suportes que sustentam uma lente. Seu funcionamento baseava-se na incidência dos raios de sol do meio-dia sobre a lente, fazendo com que a pólvora depositada no canhão fosse acesa, provocando um estampido. Foi adquirido por D. Pedro II para o seu gabinete de astronomia.

Clinômetro
Metal, 1865

Confecionado em metal por José Maria Reis, famoso fabricante de instrumentos científicos do Rio de Janeiro no século XIX. Trata-se de um instrumento usado por geólogos para medir a inclinação, em graus positivos ou negativos, entre um plano inclinado e um plano horizontal. Este instrumento pertenceu a D. Pedro II, conforme a inscrição gravada: “D. Pedro II, Imperador, as Armas do Império, 1865”.



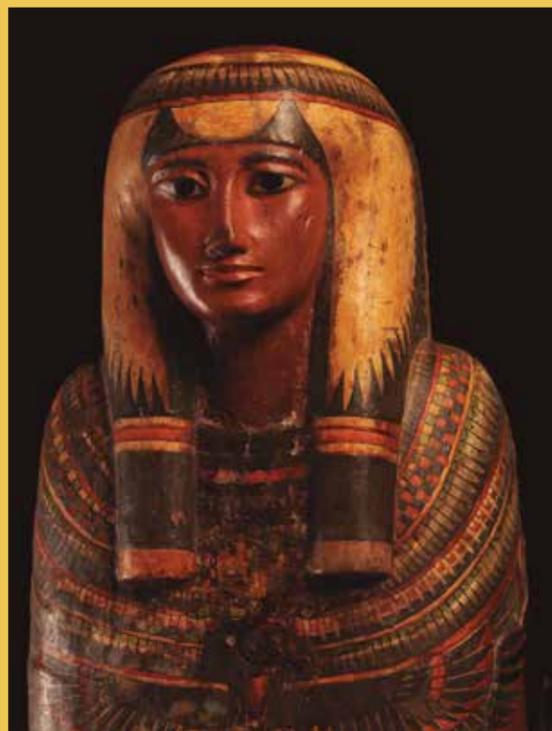
As Primeiras Coleções: o Mundo Antigo

COLEÇÃO EGÍPCIA

A maior parte da coleção egípcia do Museu Nacional foi adquirida em 1826, quando o comerciante italiano Nicolau Fiengo trouxe para o Rio de Janeiro uma coleção de antiguidades egípcias provenientes de escavações realizadas por um explorador, também Italiano, Giovanni Battista Belzoni, na Necrópole Tebana, atual Luxor, e no Templo de Karnak.

Graças ao empenho da Imperatriz D. Leopoldina e de José Bonifácio, a coleção foi arrematada em um leilão pelo Imperador D. Pedro I e integrada ao acervo do Museu Nacional.

A coleção composta por múmias, sarcófagos e numerosos artefatos seria acrescida, posteriormente, de outros objetos, por meio de doações e compra de particulares. E, em 1889, o esquife de Sha-Amun-en-su, que pertencera a D. Pedro II – um presente recebido, em 1876, em sua visita ao Egito –, foi incorporado ao Museu Nacional.



Detalhe do Rosto do Esquife de Sha-Amun-en-Su
Cantora do Templo de Amon
Baixa Época, circa. 750 a.C., Tebas Ocidental, Egito
Antigo
Madeira estucada e policromada

Em 1876, por ocasião de sua segunda visita ao Egito, D. Pedro II foi apresentado pelo Quevedo Ismail com esse esquife, mantendo-o em seu gabinete até o seu exílio, em 1889, quando o esquife foi doado ao Museu Nacional.

Sala do Egito

Destacam-se as vitrines com os sarcófagos do Sacerdote Hori, o da Sha-Amun-en-Su e o de Harsiese.



Estatua Feminina sem Cabeça (Koré), s/d
Mármore branco e rosa. Véio - Itália Meridional

A peça é uma estatueta koré de estilo arcaizante, provavelmente cópia da época romana. A figura feminina, de pé, veste longa túnica drapada, erguida delicadamente com as duas mãos. O escultor utilizou um recurso para produzir um contraste entre a representação da veste de mármore branco e os pés de mármore rosa, assim como a cabeça, agora desaparecida e provavelmente feita com o mesmo material, com a intenção de representar a cor da pele humana. Pertence ao conjunto de objetos retirados de uma tumba nas escavações conduzidas em Véio, em 1853.



A IMPERATRIZ D. TERESA CRISTINA E A COLEÇÃO GRECO-ROMANA

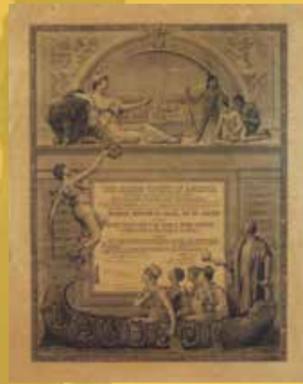
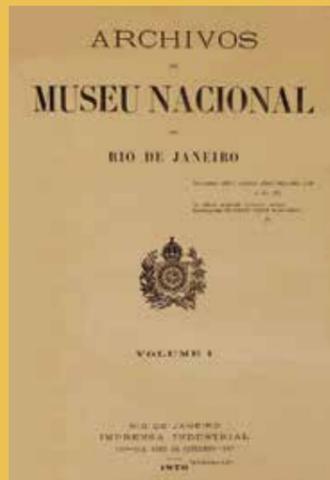
A princesa italiana Teresa Cristina Maria de Bourbon e das Duas Sicílias nasceu em Nápoles em 14 de março de 1822. Esposa de D. Pedro II, foi mãe de quatro filhos, os príncipes D. Afonso e D. Pedro Afonso, mortos ainda crianças, e das princesas D. Leopoldina e D. Isabel, a Redentora.

D. Teresa Cristina chegou ao Brasil em 1843, trazendo em sua bagagem uma coleção de peças que haviam sido resgatadas nas escavações de Herculano e Pompeia e, ainda, um acervo proveniente de escavações realizadas sob sua orientação em Véio, antigo sítio etrusco. Desejosa de que os brasileiros conhecessem a cultura de sua terra, D. Teresa Cristina solicitou a seu irmão Ferdinando II, rei das Duas Sicílias, que lhe enviasse mais peças do Museu Bourbonico de Nápoles, oferecendo-lhe, em troca, artefatos indígenas brasileiros. A coleção continuaria a ser enriquecida até à data do seu exílio, quando foi incorporada ao Museu Nacional. A coleção, com cerca de 700 peças compunha-se de cerâmicas, estatueta de mármore e de alabastro, bronzes, vidros e, inclusive, afrescos resgatados no antigo templo de Ísis, em Pompeia. D. Teresa Cristina morreria em 28 de dezembro de 1889, dias depois da sua chegada ao exílio em Portugal. Chamada “Mãe dos Brasileiros” pelo povo, D. Teresa deixaria, no Museu Nacional, o registro de sua presença na bela coleção greco-romana.

em um Museu do Novo Mundo

Arquivos do Museu Nacional
Página de rosto. Biblioteca do Museu Nacional.

Em 1876, por determinação do Decreto 6.116 de 9 de fevereiro, iniciou-se a publicação dos Arquivos do Museu Nacional, atualmente Arquivos do Museu Nacional. A mudança da grafia do título ocorreu em 1946.



Diploma de Prêmio da Exposição Universal de Chicago
Papel, 1895

Litografia gravada e impressa pela Oficina de Gravação e Impressão do Tesouro Norte-Americano. O Museu Nacional foi premiado com um diploma de mérito especial dessa Exposição pela exibição de artefatos arqueológicos cerâmicos Marajoara, da Ilha de Marajó, Pará.



Ex-Libris da Comissão Científica de Exploração

Coleção de Fósseis da Bacia de Paris
45 Milhões de Anos

Em 1872, D. Pedro II foi apresentado com uma coleção de conchas fossilizadas de bivalves marinhos da Bacia de Paris do Eoceno (45 milhões de anos). Essa coleção é considerada rara por causa da destruição dos jazigos fossilíferos dos arredores de Paris. Ao lado, o catálogo que acompanhou a coleção com a dedicatória a D. Pedro II.

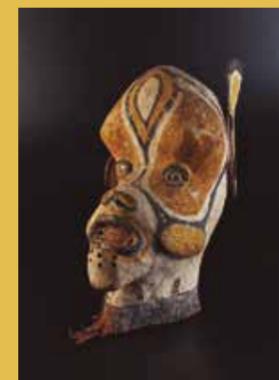


Meteorito Bendegó
Ferro e Níquel, 5,56 toneladas

É o maior meteorito brasileiro e um dos maiores do mundo. Foi encontrado em 1784 por um menino, Domingos da Mota Botelho, que pastoreava o gado em uma fazenda próxima à cidade de Monte Santo, no sertão da Bahia. A primeira tentativa de transportá-lo fracassou e ele caiu no riacho Bendegó. Uma comissão de engenheiros formada por D. Pedro II conseguiu realizar o seu transporte para o Rio de Janeiro. Foi incorporado ao Museu Nacional em 1888.

O MUSEU NACIONAL E AS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS VITRINES DO PROGRESSO

D. Pedro II dispendeu grandes esforços na divulgação do Brasil e de suas instituições, construindo a imagem de um país respeitável e atraente. Um dos meios para alcançar esse objetivo foi a participação nas Exposições Universais, eventos originados pela utopia do progresso e que celebravam as conquistas da civilização e do engenho humano. O Museu Nacional teria papel relevante nesses eventos organizando e participando, a partir de 1862, de exposições nacionais e universais, tanto na América quanto na Europa: em Londres, Viena, Filadélfia, Buenos Aires, Amsterdã, São Petersburgo, Antuérpia, Paris e Chicago.



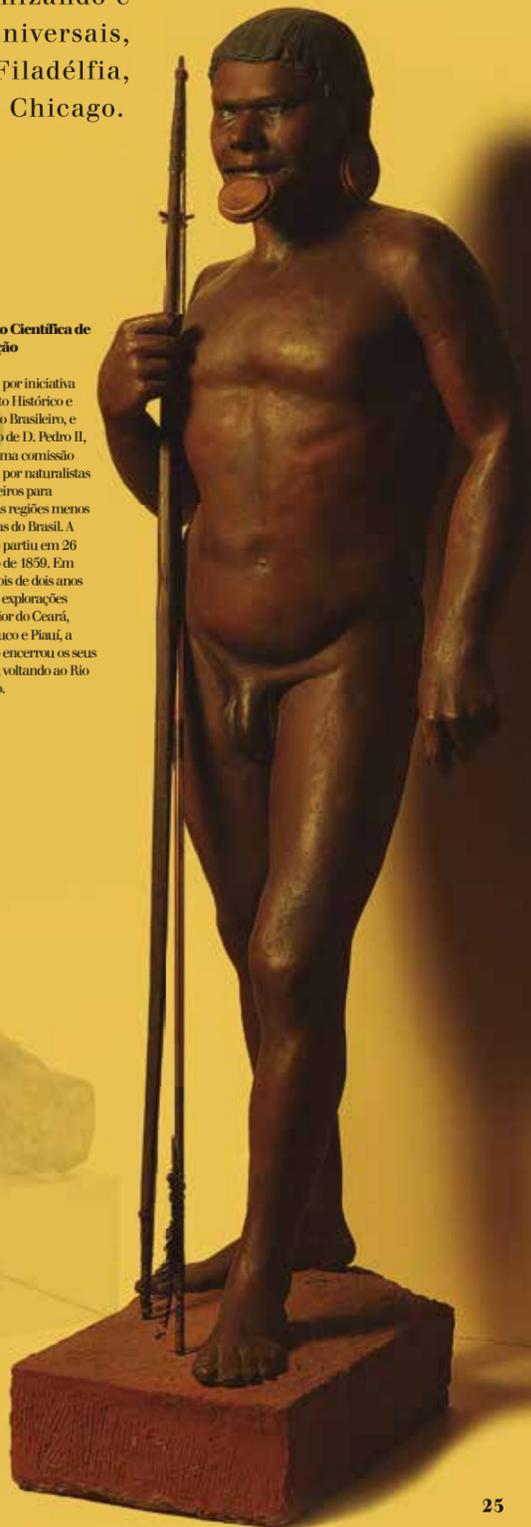
Máscara Tikuna
Século XIX
Fibra vegetal policromada. Amazonas.

Essa máscara foi desenhada por Jean-Baptiste Debret, juntamente com outras cinco, para sua obra Viagem Filosófica ao Brasil, elaborada entre 1854 e 1859. O artefato já fazia parte do acervo etnográfico do Museu Nacional.



Comissão Científica de Exploração

Em 1856, por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e com apoio de D. Pedro II, criou-se uma comissão composta por naturalistas e engenheiros para explorar as regiões menos conhecidas do Brasil. A Comissão partiu em 26 de janeiro de 1859. Em 1861, depois de dois anos e meio de explorações pelo interior do Ceará, Pernambuco e Piauí, a Comissão encerrou os seus trabalhos, voltando ao Rio de Janeiro.



Guerreiro Etrusco
Cerca. de Séc. V a.C
Bronze. Véio, Itália Meridional

Figura esquemática de um guerreiro, de pé, portando um elmo. Suas pernas estão afastadas, com o peso do corpo apoiado em uma delas, sugerindo uma atitude de ataque.



Cálice Com Cariátides s/d
Cerâmica negra. Véio, Itália Meridional

Cálice montado sobre quatro suportes, em forma de cariátides, de estilo oriental. A peça faz parte dos achados da Imperatriz Teresa Cristina nas escavações que ela realizou no sítio etrusco em Véio.



Estatueta de Ísis Lactante
Egito Antigo. Período ptolomaico, 510 a.C. Bronze

A deusa Ísis é protetora do lar e da família. Aqui aparece amamentando seu filho Hórus. As imagens de Ísis foram muito populares no período anterior à chegada do cristianismo no Egito.



Urna
400 a 1400 a. D.
Cerâmica Marajoara. Ilha de Marajó

Peça de grandes dimensões. Apresenta decoração plástica feita com a técnica da excisão, em motivos geométricos e representações de seres híbridos com características antropomorfas e zoomorfas.



Cratera em Cálice Italiota de Figuras Vermelhas
Final do Século IV a.C.
Cerâmica. Campânia, Itália Meridional.

A cena representa um combate entre dois guerreiros: Etéocles e Polínicos. Um pássaro entre os dois carrega uma fita (taenia) da vitória. À esquerda, uma mulher sentada segura uma bandeja de oferendas. Na decoração do topo, um rosto é ladeado por um grifo e uma pantera.

O PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO, A CONSTITUINTE E O MUSEU NACIONAL

O Museu Nacional é uma instituição fortemente marcada pelo seu caráter metropolitano e consiste, desde a sua gênese, no primeiro depositário da história brasileira, símbolo da própria origem da nação, inserido no “processo civilizatório” inaugurado por D. João VI, quando da vinda da Corte para o Rio de Janeiro como sede da monarquia e centro do Império. A instalação do Museu Nacional no prédio do antigo Paço Imperial, em São Cristóvão, em 1892, reafirma sua importância cultural e histórica. Um prédio que guarda, em seus alicerces e paredes, testemunhos de aspectos fundamentais da história do Brasil. Originalmente sede de uma grande fazenda jesuítica até à expulsão da Companhia de Jesus em 1759, a propriedade, em São Cristóvão, foi comprada pelo rico mercador de escravos Elias Antônio Lopes, que a ofereceu a D. João VI na ocasião da sua chegada ao Rio de Janeiro. Inicialmente, foi residência de veraneio de D. João e, depois, moradia da família imperial. Ali viveram D. Pedro I e D. Leopoldina, D. Pedro II, D. Tereza Cristina e suas filhas, as princesas Leopoldina e Isabel. Reformado e adaptado, funcionou como Paço Imperial, abrigando, cada vez mais, uma parte significativa da vida política e social do império. Ali, o soberano recebia os cumprimentos nos dias de gala e realizava as audiências públicas, às quais compareciam diplomatas, viajantes, homens da corte e, também, representantes do povo. Com a Proclamação da República, em 1889, o palácio foi sede do Congresso Nacional Constituinte. Construiu-se, para esse fim, no pátio central do Paço (hoje Pátio do Chafariz, que, intocado pelas chamas, permanece verde), um grande pavilhão, onde foi assinada e promulgada, no dia 24 de fevereiro de 1891, a nova Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil.

Aurélio de Figueiredo 1856-1916
Óleo, 1896, acervo Museu da República

Juramento Constitucional. Promulgação da Primeira Constituição da República em 1891.



Pátio do Chafariz

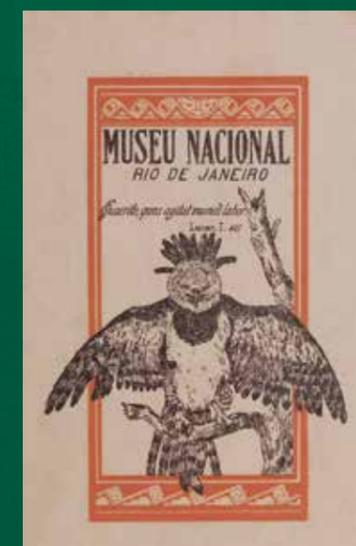
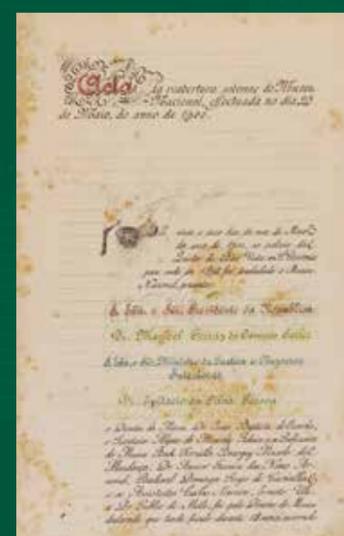


O Museu Nacional se instala no Paço de São Cristóvão. O Museu Nacional foi transferido, em 1892, para o Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista sendo o prédio adaptado às novas funções. Demolese, no pátio central, o pavilhão que abrigava o plenário da Assembleia Constituinte, então deslocada para o centro da cidade. Derrubam-se algumas paredes internas para instalação das galerias expositivas e de laboratórios, preservando-se, entretanto, os seus elementos arquitetônicos, bem como as salas do Trono, dos Embaixadores e os antigos aposentos do Imperador. Em 1958 o prédio do Paço é tombado pelo Serviço de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual Iphan).



Livro com Ata da Reabertura Solene do Museu Nacional no Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, 25/05/1900

A inauguração realizada com as presenças do Presidente da República do Brasil, Exm^o Sr. Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles, do Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Exm^o Sr. Dr. Epitácio da Silva Pessoa, e do Diretor do Museu Nacional, Dr. João Baptista de Lacerda.



Ex-Líbris da Biblioteca do Museu Nacional 1923-1926

Por sugestão do Diretor do Museu Nacional, Prof. Arthur Neiva, a Biblioteca adotou a Harpia harpyja, conhecida como gavião-real ou uiraçu-verdadeiro, como símbolo do seu exlibris.



Diploma da Prefeitura de Alto Juruá, 1904

Diploma de Medalha concedida ao Museu Nacional pela Prefeitura do Alto Juruá por ocasião do ato solene da Fundação do Cruzeiro do Sul



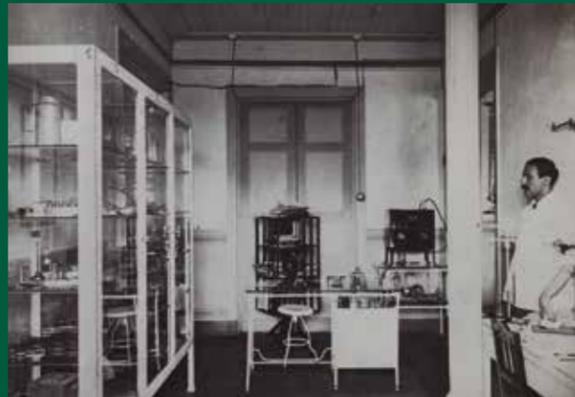
Exposição Internacional de Higiene, 1909 Anexa ao 4º Congresso Médico Latino Americano

Diploma de Medalha de Ouro concedida pela Exposição Internacional de Higiene ao Museu Nacional por seu Herbário de Plantas Medicinais

1889: a República se Instala no Paço de São Cristóvão

Fotografia de Edgard Roquette Pinto no primeiro Laboratório de Antropologia Física no Museu Nacional, 1910

Local onde eram realizados estudos antropométricos e raciais. Edgard Roquette Pinto (1884-1954), médico e especialista em Antropologia Física, foi diretor do Museu Nacional entre 1926 e 1956.



Fotografia da Visita do Presidente da Argentina, General Júlio Argentino Roca ao Museu Nacional, 28/08/1912

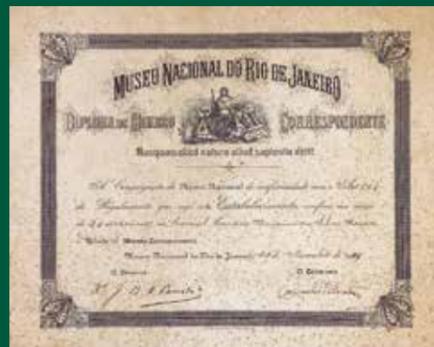
O Secretário do General cumprimentando o diretor do Museu Nacional, João Baptista de Lacerda, e o general Júlio Argentino Roca (de chapéu e bengala).

Antiga Sala de Arqueologia Brasileira

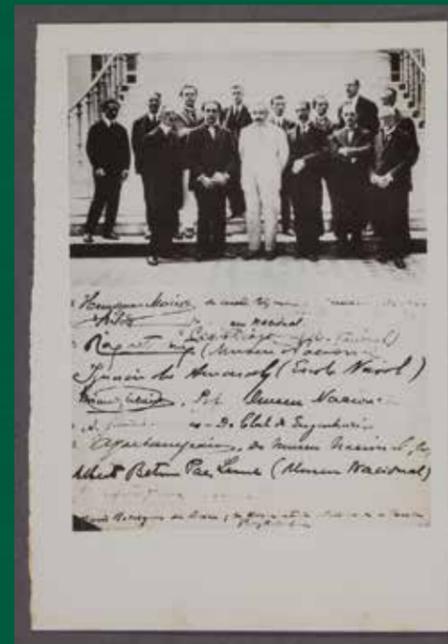


Estojo com instrumentos antropométricos
França, final do século XIX / início do século XX

Este estojo, desenvolvido por Alphonse Bertillon, reúne um conjunto de instrumentos próprios para análise e registro antropométricos. Inclui equipamentos para medição corporal, tabela com padrão de cores da íris humana e instrumentos para registro de impressões digitais. Pertenceu ao laboratório do Prof. Edgard Roquette Pinto.



Diploma de Candido Rondon como Membro Correspondente do Museu Nacional



Fotografia da Visita de Albert Einstein ao Museu Nacional, 7/05/1925

Fotografia autografada. Feita na frente da escadaria de mármore no pavimento térreo do Museu. Ao centro, de branco, Albert Einstein ao lado do diretor do Museu Nacional, Prof. Edgard Roquette Pinto, Professores do Museu Nacional e o diretor do Clube de Engenharia, Isidoro Kohn, presentes na foto. Albert Einstein (1879-1955), físico alemão, recebeu, em 1921, o Prêmio Nobel de Física.



Fotografia da Visita de Madame Curie ao Museu Nacional, 02/08/1926

Madame Curie sentada. Ao lado, de pé, a profa. Heloísa Alberto Torres (futura diretora do Museu); mais atrás, de chapéu, Irene Joliot Curie, filha de Madame Curie, também Prêmio Nobel de Química. E Bertha Lutz, à direita. Maria Skłodowska Curie (1867-1954), polonesa naturalizada francesa, realizou estudos pioneiros na área da radioatividade. Recebeu dois Prêmios Nobel: em Física, em 1905, e em Química, em 1911.

Fotografia de Candido da Silva Rondon na entrada do Museu Nacional, 1928

Ao centro, Candido Rondon. Ao lado, de guarda pó branco, o diretor do Museu Nacional, Edgard Roquette Pinto e Heloisa Alberto Torres. Cândido da Silva Rondon (1865-1958), considerado o mais importante dos sertanistas brasileiros, destacou-se ao chefiar a Comissão de Construção de Linhas Telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas, que abriu caminhos nunca percorridos, registrando suas topografias e, principalmente estudando a fauna, a flora e os índios que por aí habitavam. O Museu Nacional tomou parte ativamente nessa expedição com uma equipe de naturalistas.



Claude Lévi-Strauss no Museu Nacional, no Jardim das Princesas, cerca 1937/1938

Identificados da esquerda para direita: Claude Lévi-Strauss; Ruth Landes e Charles W. Wagley da Universidade de Columbia; Heloisa Alberto Torres, Luís de Castro Faria, Raimundo Lopes da Cunha e Edson Carneiro, do Museu Nacional.



Fotografia da Visita de Alberto Santos Dumont ao Museu Nacional, 27/07/1928

Fotografia à entrada do Museu. Ao fundo, a escadaria de mármore. Santos Dumont está ao lado do diretor do Museu, Prof. Edgard Roquette Pinto (de guarda pó branco). Santos Dumont visitou várias vezes o Museu para realizar experiências com seus eventos. Os testes eram realizados no Jardim das Princesas na presença de seus familiares, cientistas e autoridades.

1892: Consolidação Como Museu e Instituição de Pesquisa



Sala de Paleontologia: a descoberta de um gigante

Réplica do esqueleto do dinossauro (maxakalisaurus topai), um herbívoro de 9 toneladas e 15 metros de comprimento, que viveu há cerca de 80 milhões de anos na região do Triângulo Mineiro.



Descobre-se Luzia, a mulher mais antiga das Américas

Deve-se a Peter Lund, paleontólogo dinamarquês, a descoberta, em 1824, em grutas na região Lagoa Santa, Minas Gerais, de grande quantidade de material paleontológico que incluía ossos de animais atuais, de grandes mamíferos extintos e também de esqueletos humanos praticamente fossilizados. As condições encontradas no sítio sugeriam um possível convívio de grupos humanos com grandes mamíferos, hipótese que indicaria, naquela época, uma antiguidade inesperada da presença do homem no continente americano.

Expedições posteriores à região resgataram grande número de esqueletos humanos na região, embora sem encontrar provas da sua coexistência com os animais extintos. Finalmente, em 1956, em uma missão composta por brasileiros e norte-americanos, foi comprovada, com o emprego do Carbono 14, a coexistência de grupos humanos com os mamíferos extintos, demonstrando que a região da Lagoa Santa era habitada há pelo menos 10.000 anos por grupos de caçadores-coletores. Estes, segundo dados de pesquisas arqueológicas e bioantropológicas, organizavam-se em pequenos grupos familiares espalhados por grandes territórios.

Posteriormente, na década de 1970, uma equipe do Museu Nacional participou da pesquisa coordenada pela arqueóloga francesa Annette Laming-Emperaire que resgatou, na gruta conhecida como Lapa Vermelha IV, em camadas datadas entre 9.000 e 12.000 anos, um crânio humano e outros fragmentos ósseos de um único indivíduo feminino. Mas só em fins do século XX, graças a equipamentos capacitados a datar pequenas porções de material ósseo, confirmou-se a antiguidade desse esqueleto feminino – de 11.500 anos –, como o da mulher mais antiga das Américas, hoje popularmente conhecida como “Luzia”.

O rosto de “Luzia”

Graças a boa preservação dos ossos da cabeça de Luzia e a técnicas altamente sofisticadas foi possível a reconstrução do rosto de Luzia, realizado pela primeira vez em 2000, na Inglaterra, pelo artista e médico Richard Neave, na Universidade de Manchester.



Galerias de Entomologia e de Invertebrados

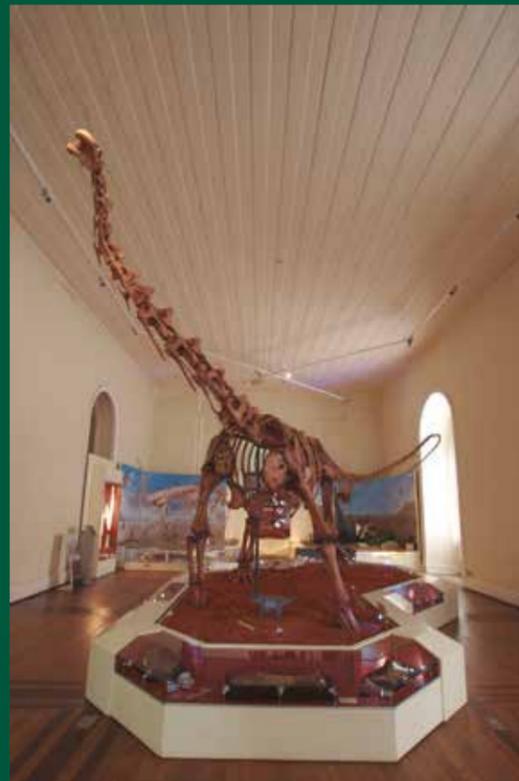
Destacam-se as reproduções da lula gigante e do borboletário.



Detalhe da Sala de Aves

Em primeiro plano, cabeça de Mutumde-penacho (Crax fasciolata fasciolata).

O Museu Nacional fez 200 anos em 2018. Um ano que se anunciara auspicioso. Em uma das maiores festas populares do mundo – o Carnaval carioca –, o apoteótico desfile da Imperatriz Leopoldinense trouxe para as ruas a história do Museu: fósseis, múmias, anêmonas, corais, besouros, indígenas e a família imperial. Além disso, no dia de seu bicentenário – 6 de junho – foi lançada a moeda comemorativa dos 200 anos do MN e assinado convênio com o BNDES de um projeto que visava à restauração das salas históricas, do Jardim das Princesas, a renovação das galerias expositivas e à instalação de um moderno sistema de prevenção de incêndio e pânico, entre outras providências. Mas o fogo chegou antes. O que fazer, diante da tragédia? Quais as perspectivas para o Museu nesse cenário desolador, justamente no ano de seu bicentenário? O incêndio não consumiu todavia sua vocação perene de busca, renovação, pesquisa e divulgação do conhecimento como instrumentos de inclusão social – a que corresponde uma grande estima popular: o povo ama o museu. A instituição se mantém viva e atuante e sua memória pulsa no inconsciente coletivo alimentada durante muitas décadas pelas exposições voltadas ao público em geral e focadas nas visitas escolares da rede pública de ensino. O Museu Nacional vive.

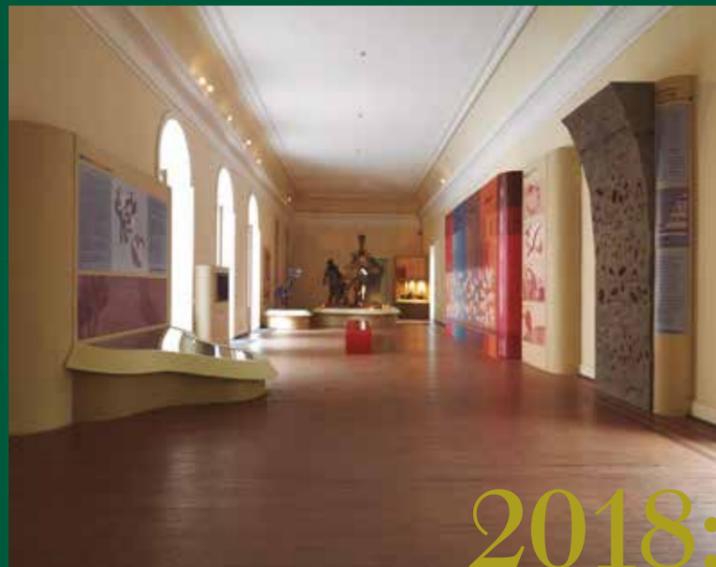


Sala de Exposição de Paleontologia

Situada na entrada do Museu. Destacam-se nessa sala o painel sobre a origem da vida, os esqueletos das preguiças-gigantes (Eremotherium laurillardii) e do tigre-dente-de-sabre (Smilodon populator), a reconstrução do dinossauro brasileiro (Unayssauros tolentini) e a reprodução do organismo do mar do Devoniano.

Sala da África

Acervo da costa ocidental da África que inclui objetos de uso cotidiano, instrumentos musicais, armas e um trono sagrado de Daomé.



Vitrine com fragmento de cota de malha de procedência francesa, século XVI

A peça foi resgatada em escavações arqueológicas realizadas em Araruama, Rio de Janeiro, local de batalhas entre franceses, portugueses e índios tupinambá no século XVI.

Sala de Arqueologia do Rio de Janeiro, Araruama

Destacam-se grandes urnas utilizadas em rituais funerários pelos índios Tupinambá.



Sala de Etnologia indígena brasileira

Apresenta peças de diversos grupos indígenas. Destaca-se um conjunto de máscaras rituais.

Sala de Arqueologia Pré-Colombiana

Reúne acervo de produção têxtil, cerâmica e metalúrgica das culturas ameríndias antes e depois do contato com o europeu.



2018: o Museu Nacional faz 200 Anos

O MUSEU NA UNIVERSIDADE

Reinaugurado em 1900, o Museu Nacional consolida-se, ao longo das primeiras décadas do século XX, como instituição de pesquisa, ensino e divulgação, formando parcerias com Governo e sociedade, e recebendo pesquisadores estrangeiros e brasileiros que contribuíram para o enriquecimento do acervo zoológico, botânico e etnográfico.

Na década de 1930, durante a gestão de Edgard Roquette Pinto, foi criado o Serviço de Assistência ao Ensino (SAE) com objetivo de levar os resultados de pesquisas científicas aos alunos da educação básica.

Em 1939, a SAMN (Sociedade de Amigos do Museu Nacional) fundada, em 1937, adquiriu 129 hectares de Mata Atlântica no Espírito Santo, incorporada à Estação Biológica de Santa Lúcia (ESL), campus avançado de pesquisas do Museu Nacional, criado por Augusto Ruschi, naturalista dessa instituição.

Em 1946 o Museu é incorporado à Universidade do Brasil e subordinado ao Ministério de Educação e Cultura, formalizando o compromisso da instituição com a pesquisa e a difusão da ciência. A partir de 1965, a Universidade do Brasil seria renomeada como Universidade Federal do Rio de Janeiro, subordinada ao Ministério da Educação (MEC). O Museu Nacional permaneceu incorporado à universidade, consolidando a estrutura dos seus departamentos e suas respectivas reservas técnicas. O Museu criou, desde então, nove programas de Pós-Graduação (três de lato sensu e seis de stricto sensu) nas áreas de Antropologia e de Ciências Naturais. Após o incêndio, as atividades acadêmicas e didáticas foram retomadas nos prédios do Horto Botânico.



Prédio da Biblioteca Central no Horto Botânico do Museu Nacional.



Historia Naturale
Autor: Caius Plinius Secundus, (Plínio, o Velho o Velho)
Ano 25 a 79, Pergaminho

Essa obra foi durante muito tempo a única fonte de conhecimento sobre esse assunto. Seu autor foi historiador, naturalista, e oficial romano. Esse incunábulo, publicado em 1481- obra mais antiga da Seção de Obras Raras da Biblioteca do Museu Nacional- é uma edição italiana, que pertenceu à Imperatriz Leopoldina e foi doada por D. Pedro II ao Museu.



Nova Genera Et Species Plantarum, Quas Intinere Per Brasilian Annis, 1817-1820

Karl Friedrich Philipp von Martius - 1794-1868
O autor desta obra, médico e botânico alemão, chegou ao Brasil com o zoólogo Spix, em 1817, integrando a comitiva científica austríaca que acompanhava a princesa D. Leopoldina. Von Martius foi coordenador da Flora Brasiliensis, uma das mais importantes obras de botânica brasileira.

Novus Orbis, Seu Descriptionis Indiae Occidentalis, Libri XVIII, 1658

Joannes de Laet, 1593 a 1649, Página de Rosto
Joannes de Laet, cosmógrafo e historiador flamengo, foi diretor da Companhia das Índias Ocidentais. Sua obra contém a descrição histórica, geográfica, científica, etnográfica e linguística das Américas. Inclui abundante iconografia e 14 mapas em folha dupla. Encadernada em pergaminho.

Delectus Animalium Articularum, Quae In Intinere Per Brasilian Annis ... Collegerunt

Johann Baptist Von Spix (1781-1826) e Karl Friedrich Philipp Von Martius (1794-1868)

Os alemães Johann Baptist Von Spix, zoólogo, e Karl Friedrich Phillip Von Martius, médico e botânico, integraram a missão científica austríaca enviada ao Brasil em 1817. Aqui coletaram, durante três anos, material botânico e zoológico que resultou em obras fundamentais sobre fauna, flora e costumes do Brasil.

Dissertatio de Generatione et Metamorphosis Insectorum Surinamensium 1719

Maria Sibylla Merian, 1647-1717

Pintora e naturalista alemã, viajou para o Suriname, local onde permaneceu por dois anos pintando, estudando plantas e registrando a metamorfose dos insetos. A obra apresenta magníficas gravuras da própria autora.

Icones Plantarum Rariorum - 1781-1795

Nicolaus Joseph Jacquin - 1727-1817

Volume, I, gravura L. Castus, Arabicus

O autor desta obra, médico e botânico holandês, trabalhou na corte de Viena para Francisco I, a convite de quem viajou para as Antilhas e para América do Sul, onde coletou e pintou espécimes botânicos. Obra rara com 648 estampas coloridas à mão e algumas em folhas duplas.

Historia Naturalis Banarum Nostratum in qua Omnes Earum Proprietates Praesertim Quae ad Generationem Ipsarum Pertinent, Fusiis Enarrantur, 1758

August Johann Roese von Rosenhof, 1705-1759 Frontispício

O autor dessa obra, naturalista alemão e artista, descreve detalhadamente o ciclo da vida, a anatomia e a osteologia de sapos e rãs. Obra bilingue, em latim e alemão. Possui gravuras coloridas e em preto e branco.

Locupletissimi rerum naturalium Thesauri accurata descriptio, et iconibus artificiosissimis expressio... 1754-1765 Albertus Seba, 1665-1736

Folha de rosto, estampa XIII, imagem do autor

Farmacêutico holandês, reuniu uma preciosa coleção de história natural. Essa obra, em quatro volumes e magnificamente ilustrada, reproduz a maior parte da sua coleção. Possui 449 ilustrações coloridas à mão.

Philosophical Transactions of the Royal Society

London, v. 1 1663-1666

A publicação desse periódico científico, o segundo mais antigo do mundo, foi iniciada na Inglaterra no século XVII. A Biblioteca Central do Museu Nacional possui a coleção completa desse periódico.

Description de l'Égypte, ou Recueil des Observations et des Recherches qui ont été faites en Égypte Pendant l'Expédition de l'Armée Française.

Paris, De L'Imprimerie Impériale, 1809-1822

Essa obra monumental contém a descrição histórica, geográfica, zoológica e botânica do Egito realizada por uma comissão de especialistas designada por Napoleão Bonaparte durante a sua Campanha Militar no Egito em 1798. Obra em vários volumes, rica iconografia e de grandes dimensões (110 cm).

Histoire Naturelle des Tangaras, des Manakins, et des Todiers, 1805

Bamphocèle scarlatte mâle

Anselme Gaetan Desmarest, 1784-1838

Zoólogo francês. Entre suas obras, destaca-se esta, publicada em 12 fascículos, reunidos em um volume e ilustrada com 72 gravuras por Pauline de Courcelles, famosa ilustradora de livros

BIBLIOTECA

A atual Biblioteca Central do Museu Nacional foi formada desde a criação deste. Já nos primeiros anos do Museu seus diretores enfatizavam a importância de formar uma biblioteca compatível com a sua vocação. Em 1831, por aviso governamental, foram transferidas obras de história natural da Biblioteca Nacional para o Museu.

O aviso recomendava, em particular, ao seu diretor frei Custódio Alves Serrão, a guarda da Flora Fluminensis (1783-1790), obra com ricas estampas de autoria de frei Mariano da Conceição Velloso. Oficialmente, a Biblioteca, seria criada pelo ministro dos Negócios do Império em 11 de julho de 1863, atendendo à solicitação do Presidente da Comissão Científica do Museu Nacional, dando, assim, continuidade à formação de um dos acervos mais importantes do Brasil em Ciências Naturais.

Seu acervo atual, instalado em um prédio do Horto Botânico preservado do incêndio, tem cerca de 470.000 títulos e inclui as mais antigas coleções de periódicos científicos do mundo, uma expressiva coleção de obras raras (como a Historia Naturale de Plínio, exemplar do século XV), in-fólios, teses, multimeios. Recentemente foi incorporada à Biblioteca uma raridade, tombada pelo IPHAN: a Torá (conjunto de nove rolos de pergaminho, do século XIII, contendo o Pentateuco em hebraico) que pertenceu a D. Pedro II. O acervo pode ser acessado através da Base Minerva (www.minerva.ufrj.br).

Estrutura Acadêmica e Roteiro Expositivo

DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA

O Departamento de Botânica tem em sua origem o primeiro Herbário do Brasil, organizado no Museu Nacional em 1851 pelos naturalistas Ludwig Riedel e Georg Heinrich Langsdorf. Contam-se, entre os exemplares de sua coleção, exsicatas coletadas por D. Leopodina e D. Pedro II, além de coleções formadas por naturalistas famosos como Auguste Glaziou e Freire Alemão, entre outros.

Atualmente esse Departamento possui cerca de 400 mil exemplares (316 mil são exsicatas) de flora do Brasil e de outros países. Possui espécimes de todos os biomas do Brasil e, por essa razão, fornece subsídios para inúmeras pesquisas sobre taxonomia vegetal e áreas correlatas desenvolvidas nos cursos de pós-graduação, criados entre 1972 (mestrado) e 1988 (doutorado) e ministrados pelos professores da área.

O Departamento de Botânica tem tido relevante participação em projetos interinstitucionais como, por exemplo, no Programa Polo-Noroeste CNPq (1985-1990), realizando um papel pioneiro no levantamento e registro da biodiversidade da Região Central do Brasil ou, ainda, nos Estudos Botânicos na Restinga de Carapebus, cujos resultados contribuíram para a criação do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba.

O acervo botânico foi preservado do incêndio que atingiu o Museu pois o prédio que o abriga está localizado no HortoBotânico. A coleção pode ser consultada pela rede speciesLink (www.splink.org.br).



Melastomataceae
Macairea radula (Bonpl.) DC.

Exsicata de espécime coletado por Hoehne, em 1909, durante as expedições da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas, chefiada por Marechal Cândido Rondon.

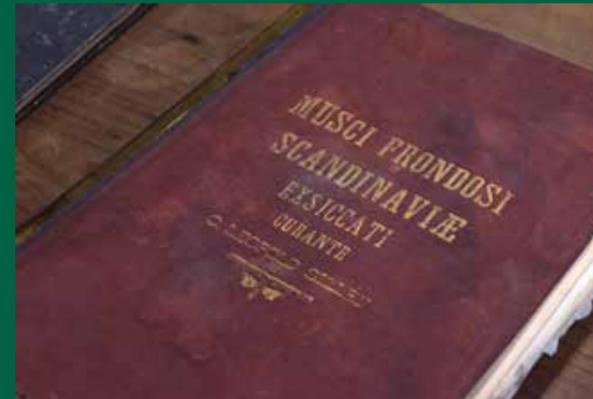
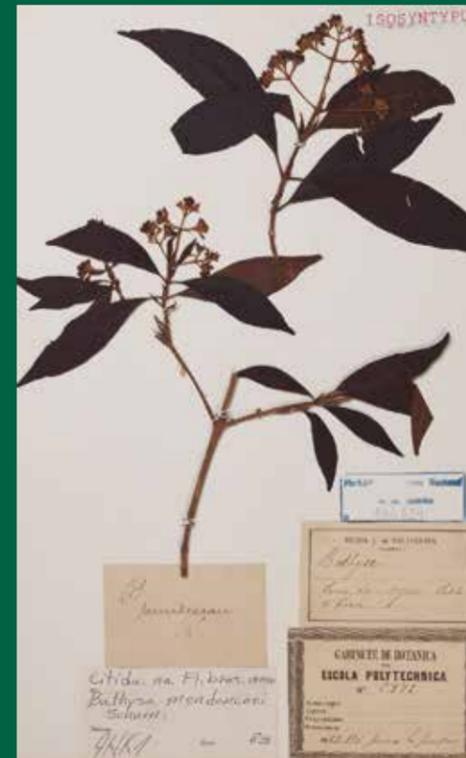


Asteraceae
Gochinatia floribunda Cabrera

Exsicata de espécime coletado por Auguste Marie Glaziou, em 1885, na Serra da Caraça, em Minas Gerais. Serviu de base para a descrição geral da espécie.

Rubiaceae
Bathysa Mendoncae Schum

Exsicata de espécime coletado em 1885 na Serra dos Órgãos, Rio de Janeiro, por Saldanha, cujo herbário foi incorporado ao herbário do Museu Nacional.



Musci Frondosi scandinaviae Exsicati
Album de Exsicatas (século XIX)
Olaf Leopoldo Sillen



Novo prédio do Departamento de Botânica no Horto Botânico do Museu Nacional.

Estrutura Acadêmica e Roteiro Expositivo

DEPARTAMENTO DE GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA DGP

A história do DGP está ligada à própria criação do Museu Nacional e da constituição do seu acervo inicial, doado por D. João VI, no qual se destacava a coleção mineralógica denominada Coleção Werner em homenagem a Abraham Gotlob Werner, pai da Mineralogia.

Ao longo do século XIX a coleção foi sendo ampliada com a contribuição de conceituados naturalistas como Wilhelm Ludwig von Eschewege, Jean Louis Agassiz, Charles Frederik Harrt e Orville Derby, que participaram em expedições pelo território brasileiro coletando expressivo material geológico e paleontológico. A Comissão Geológica do Império (1875-1877) traria para o Museu significativa coleção de invertebrados fósseis, além de rochas e minerais. Ainda no século XIX, seriam incorporados ao acervo os fósseis da chapada do Araripe, no Ceará, meteoritos de Bendegó e Angra dos Reis. E, no início do século XX, o meteorito Santa Luzia.

Não obstante o incêndio, os pesquisadores do DGP continuam participando de pesquisas no território brasileiro e estabelecendo parcerias com cientistas de outros países como Argentina, Japão, Alemanha, Itália e China. Além disso, mantém suas atividades acadêmicas nos cursos em Geologia do Quaternário (lato sensu) e Ciências da Terra (stricto sensu). E apesar da perda de parte do seu acervo, preservaram-se importantes peças da coleção, entre as quais os meteoritos de Bendegó e o Angra dos Reis. Preservou-se, também, o acervo coletado pelo projeto Prospecção de Fósseis do Cretáceo da Antártica, abrigado no Laboratório de Preparação de Fósseis em prédio anexo, proporcionando uma significativa retomada de projetos do DGP com a exposição de “Quando nem tudo era Gelo: novas descobertas no continente Antártico”, inaugurada em janeiro deste ano na Casa da Moeda.

Escorpião fossilizado

Carvalho e Lourenço, 2001

Escorpião fossilizado em calcário laminado, procedente da chapada do Araripe, Ceará. Período Cretáceo, há cerca de 10 milhões de anos.



Fóssil de lagarto aquático

Stereosternum sp.

Esqueleto articulado pertencente à família Mesosauridae, que reúne formas extintas de animais lacertídeos e que raramente ultrapassam um metro. Exemplar proveniente de rochas do Estado de São Paulo, datado do Permiano Superior; de 299 a 251 milhões de anos.



Frasco com Amostra de petróleo de Lobato, 1959

Vidro com amostra do petróleo do poço de Lobato, perfurado em 1959 na Bahia, conhecido como o primeiro poço do Brasil a produzir petróleo. O petróleo proveniente desse poço estimulou a pesquisa petrolífera no Recôncavo Baiano.



Concreção Carbonática da Antártica

Concreção Carbonática em arenito fino com laminações cruzadas, de idade cretácea. Coletada em Crame Col, norte da ilha James Ross, durante a primeira expedição de uma equipe de geólogos e paleontólogos do Museu Nacional à Antártica em 2007.



Coleta de fósseis por pesquisadores do Museu Nacional no continente antártico, 2007.



Meteorito Angra dos Reis

Considerada a rocha mais antiga do sistema solar. Deu nome ao novo grupo de meteoritos, os Angritos. Sua queda, em 1860, em frente a Igreja do Bonfim, em Angra dos Reis, foi testemunhada por Joaquim Carlos Travassos e seus dois escravos, que recuperaram seus fragmentos a dois metros de profundidade, um dos quais doados ao Museu Nacional.

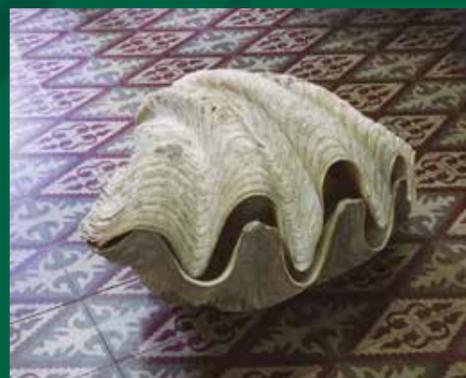
DEPARTAMENTO DE INVERTEBRADOS

Desde os fins do século XIX naturalistas do Museu Nacional integrando a seção de Zoologia dedicavam-se aos estudos dos invertebrados. O departamento seria criado em 1971. Ao longo dos anos relevantes contribuições têm se verificado nas áreas de coleta de espécimes, pesquisa, ensino, extensão, conservação e desenvolvimento sustentável tornando o departamento um centro de excelência no estudo de invertebrados marinhos e terrestres. Atingido parcialmente pelo incêndio, salvaram-se as coleções de cinco dos oito setores que integram o departamento e cujo número corresponde à metade do acervo original: Celenterologia (corais, anêmonas, hidróides), Equinodermatologia (estrelas, ouriços do mar), Porífera (esponjas marinhas e de água doce), Annelida (sanguessugas, minhocas marinhas e terrestres) e Carcinologia (crustáceos, caranguejos, camarões e lagostas). O setor de Malacologia perdeu a maior parte da coleção mas preservou-se toda Coleção Tipo. O Departamento de Invertebrados participa do Programa de Pós-Graduação em Zoologia (PPGZOO).



Vitrine do Caranguejo-gigante
Macrocheira kaempferi

Crustáceo dos mares do Japão. Vive em mar profundo. A carapaça pode chegar a 5,70 metros e a distância entre as extremidades dos apêndices alcança 5 metros. É o maior dos artrópodes atuais.



Concha do Bivalve Gigante
Tridacna gigas; litoral da ilha Timor

Este é o maior molusco com concha do mundo, podendo atingir 1,4 m e pesar cerca de 270 kg. Indivíduos dessa espécie vivem em recifes de corais de águas rasas do Indo-Pacífico e fazem associação simbiótica com algas, o que proporciona a energia necessária para que o molusco atinja sua enorme biomassa. Tendo em vista o seu tamanho, esse molusco costuma figurar em obras de ficção como sendo capaz de aprisionar pessoas em suas valvas, embora não haja registro de tal ocorrência. Doado ao Museu Nacional pelo Governo português.



Coral Chiclete
Paragorgia johnsoni
Filo Cnidária, subclasse Octocorallia
Ao largo de Salvador, Bahia

O espécime de coral encontra-se comum ofituroide (*Astrodia tenuispina*), vulgarmente conhecido como estrela-serpente, entrelaçado em seus ramos. Colônia coletada acerca de 750 metros de profundidade. Programa Revize (Avaliação de Potencial Sustentável de Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva score Central).

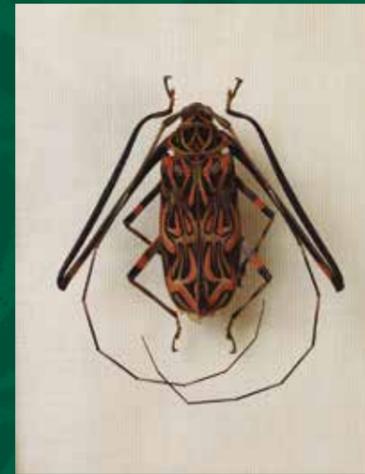
Estrela-do-Mar de Profundidade
Nymphaster arenatus

Estrelado-mar típica de águas profundas (200 a 5.000 metros) do Oceano Atlântico.



Serpente-do-Mar com braços ramificados
Astrophytum muricatum; Echinodermata; Ophiuroidea

Ofituroide característico de regiões recifais, mais comuns no Arquipélago dos Abrolhos, na Bahia.



Arlequin
Família Cerambycidae; *Acrocisus longimanus*

Conhecido como arlequin-da-mata ou arlequin-de-caiena. Possui hábitos noturnos e suas larvas desenvolvem-se em árvores do gênero *Ficus*.



Diversidade de Borboletas e Mariposas
Ordem Lepidoptera

Rothschildia aurata speculifera
Saturniidae

Heraclides himeros himeros
Papilionidae

Parides ascanius
Papilionidae

Agrias claudina ametta
Nymphalidae

A grande mariposa representa o bicho da seda brasileiro e as outras três borboletas representam espécies em risco de extinção.

Oficializado como integrante da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1971, o Departamento de Entomologia teve origem em 1842 como um dos setores da Seção de Zoologia e apenas em 1916 adquiriu o status de Laboratório de Entomologia Geral e Agrícola.

Até a ocasião do incêndio, quando perdeu a quase totalidade de seu valioso acervo – um dos maiores e mais importantes da América do Sul –, o departamento desenvolvia pesquisas em dez laboratórios, segundo as seguintes ordens: Blattaria (baratas); Coleoptera (besouros); Collembola (pulgas de areia); Diptera (moscas e mosquitos); Ephmeroptera (efeméridas); Hemiptera (percevejos, cigarras e cigarrinhas); Hymenoptera (abelhas, vespas e formigas); Lepidoptera (borboletas e mariposas); Odonatas (libélulas); e Thichoptera (friganidos).

Do incêndio, salvou-se apenas o laboratório Dipteros (com cerca de 40.000 espécimes), instalado no prédio Alípio Miranda Ribeiro, anexo ao Museu. Não obstante, o departamento retomou suas atividades acadêmicas, e, graças a numerosíssimas doações, os laboratórios destruídos estão sendo refeitos.

Gaveta Entomológica
Pyrodes nitidus

Alguns grupos de insetos são conservados em meio líquido (álcool etílico), mas a maioria é preservada a seco em gavetas como a da fotografia. Aqui estão os besouros da espécie *Pyrodes nitidus*, cujos machos apresentam variação cromática.



Os grandes insetos do Brasil

Algumas das maiores espécies de insetos da fauna brasileira estão aqui representadas.

Bicho-Pau
Phasmatodea; 185 mm

Mosca
Gauromydas heros; Diptera, Mydidae; 45 mm

Gafanhoto
Tropidacris cristata; Orthoptera, Romaleidae; 85 mm

Mariposa
Thysania agrippina; Lepidoptera, Noctuidae; 120 mm a 260 mm

Libélula
Mecistogaster lucretia; Odonata, Pseudostigmatidae; 115 mm a 140 mm

Barata d'água
Lethocerus grandis; Heteroptera, Belostomatidae; 90 mm

Abelha
Exaerete sp.; Hymenoptera, Apidae; 27 mm

Barata-gigante
Blaberus giganteus; Blattaria, Blaberidae; 70 mm

Besouro
Titaneus giganteus; Coleoptera, Cerambycidae; 145 mm

DEPARTAMENTO DE VERTEBRADOS

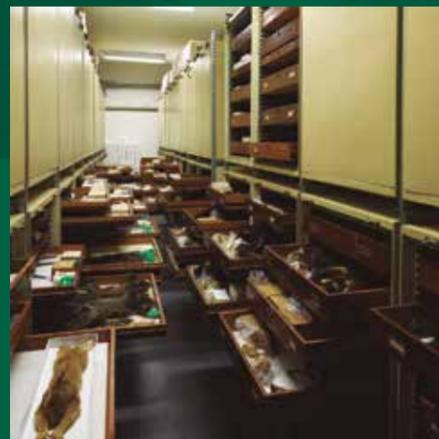
Por estar instalado em um prédio do Horto Botânico, o Departamento de Vertebrados foi preservado do incêndio. Embora tenha perdido a parte do acervo que se achava exposta no Palácio, a coleção remanescente inclui 880.000 itens (oitocentos e oitenta mil), conservados em meio líquido ou taxidermizados.

A coleção vem sendo constituída desde o século XIX, graças à contribuição de eminentes pesquisadores, tais como Frederico Harrt, Jean Luis Agassiz, Pizarro, Alípio Miranda Ribeiro, Adolpho Lutz, Berta Lutz, Antônio Leitão de Carvalho, Emile Snethagle, Emil Stolle, Helmuth Sick, entre outros, e graças, inclusive, ao acervo proporcionado pela Comissão Rondon. Esse caráter histórico da coleção garantiu, por um lado, grande representatividade em termos de diversidade de espécies e, por outro, larga abrangência geográfica, reunindo material de populações agora extintas em regiões há muito modificadas pela ação antrópica. As coleções abrangem quatro disciplinas: Herpetologia (anfíbios e répteis), Ictiologia (peixes), Mastozoologia (mamíferos) e Ornitologia (aves). Cada uma dessas coleções proporciona possibilidades de pesquisas essenciais à conservação dos recursos naturais renováveis, sobretudo no que diz respeito ao uso racional da biodiversidade brasileira. O Departamento participa do Programa de Pós-Graduação em Zoologia (PPGZOO).



Anambés
Cotingidae. Espécime taxidermizado

Da esquerda para direita: dois anambés de peito roxo (Cotinga cotinga), uma fêmea menos colorida, dois anambés azuis (Cotinga cayana) e dois anambés-pompadoras (Xypholena punicea)



Reserva Técnica do Departamento de Vertebrados.
Espécimes taxidermizados.



Gavião Real
Harpia harpya. Espécime taxidermizado

Maior ave de rapina do Brasil pode chegar a 1 metro de comprimento e 2 metros de envergadura. Tornouse bastante rara no Brasil Oriental, sobrevivendo apenas nas regiões pouco habitadas do país.



Aye-Aye

Daubentonia madagascariensis. Espécime taxidermizado. Endêmica da ilha de Madagascar, essa rara espécie de primata é considerada uma das mais ameaçadas do mundo. Esse exemplar do Museu Nacional é o único conhecido em coleções nacionais.



Perereca de Bromélia
Xenohyla truncata

Espécimes diafanizados e corados. A técnica de diafanização permite que tecidos moles tornem-se transparentes. O esqueleto ao ser tingido revela as partes ósseas e cartilaginosas.



Viola
Gênero Rhinobutus

Preparação didática, exemplar jovem de peixe diafanizado



Reserva Técnica do Departamento de Vertebrados. Espécimes conservados em meio líquido.

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

O departamento de Antropologia compõe-se de cinco setores: Antropologia Biológica; Antropologia Social; Arqueologia; Etnologia; e Linguística. O departamento desenvolve intensa atividade de pesquisa e ensino através dos cursos de Pós-Graduação inaugurados desde 1968: o de Linguística e o em Antropologia Social (PPGAS). Edita, ainda, a revista Mana. Em 2006, teve início o programa de Pós-Graduação em Arqueologia. No incêndio, o departamento perdeu a Biblioteca Francisca Keller, especializada em antropologia, e grande parte de suas coleções históricas - iniciadas no século XIX com a família imperial - e, ainda, coleções etnográficas, arqueológicas e de antropologia biológica. No entanto, no trabalho de resgate recuperou-se parte do acervo na reserva técnica de arqueologia e relevante material cerâmico, lítico e metálico tem sido encontrado. Além disso, o crânio de Luzia foi resgatado. Preservaram-se, também: a exposição itinerante “Primeiros Brasileiros”, representativa de povos indígenas do nordeste, que estava exposta no Memorial dos Povos Indígenas em Brasília; e o acervo de arqueologia brasileira, composto de milhares de peças, abrigado na Casa de Pedra e em containers situados à entrada do Horto Botânico. O Departamento retomou suas atividades acadêmicas e vem recompondo, por meio de doações, a Biblioteca Francisca Keller.

Estátua do Deus Bés
Rocha e pasta de vidro.
(Período Ptolomaico, Ca. 350 a.C.)

O deus Bés era representado como uma figura grotesca meio homem, meio leão, com a função protetora de afugentar o mal. Evitava pesadelos, protegia os recém-nascidos, e, por isso, estava presente em todas as casas egípcias.



Zoólito em forma de ave, s/data.

Sambaquí de Santa Catarina



Miniatura em ouro representando “Figuras de Prestígio” da sociedade incaica.

Cultura Inca, Peru (1400-1532 d.C).



Frasco geminado com duas alças.

Século I d. C. Vidro verde, Pompeia
Coleção Imperatriz D. Teresa Cristina



Afresco de Pompeia
Século I d. C.
Coleção Imperatriz D. Teresa Cristina

O afresco apresenta, na parte superior, um cesto suspenso entre duas guirlandas, possível alusão a um dos ritos do culto a Baco, em que objetos sagrados eram transportados em cestos.



Fotografia do evento de lançamento do CD Ilê Omolu Oxum. Museu Nacional
Mãe menininha d'Oxum, filhos e filhas do Ilê Omolu Oxum

Lançamento do CD “Cantigas e Toques para os Orixás”, primeiro número da Coleção Documentos Sonoros do Museu Nacional, pelo Laboratório de Pesquisa de Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (Laced). O Museu Nacional busca manter os seus objetivos originais: promover a educação, a cultura e a difusão da ciência.

Festa do Javari, 2004
Aldeia Kuikuro do Ipatse

Javari é a designação tupi para um ritual de origem Trumai que entrou na constelação xinguana no século XIX. O ritual é realizado para “queimar a alma do arco do chefe” e ocorre alguns anos após o Ouarup. O que se queima, metaforicamente, é a saudade do morto. A Festa do Javari é, também, uma farsa guerreira em que os adversários se ferem simbolicamente.

Pesquisadores Kuikuro

Centro de Documentação da aldeia de Ipatse. Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso
Os Kuikuro desenvolvem seus próprios projetos de documentação, objetivando a preservação da memória ritual, com cantos e peças, produzindo vídeos, livros e coletâneas musicais.



Vaso duplo zoomorfo
Cerâmica, Peru

Vaso duplo silvadour, em forma de papagaio e com alça estribo, encontrado em contexto funerário Moche.



Máscara trançada revestida de plumária.

Índios Javaé, Tocantins, 1959



Urna funerária, 400 a 1400 a. D.
Cerâmica marajoara, Ilha de Marajó

Urnas funerárias elaboradas como esta destinavam-se a indivíduos de status social diferenciado na sociedade marajoara.



Pingente de fios de Élitros e Pingente de fios de Élitros com crânio de ave
Grupo Tukano - Amazonas

Peças provenientes do Alto do Rio Negro. Foram incorporadas ao Museu em 1851. Fazem parte dos primeiros acervos expostos no Museu com o objetivo de valorizar a arte plumária indígena e firmar a imagem do índio como símbolo nacional no século XIX.



Cabeça mumificada produzida pelos Shuar (índios Jívaro)
Amazônia Equatoriana

Os Jívaro da Amazônia Equatoriana, depois de retirar o crânio de dentro da pele, deixando os cabelos, faziam a pele encolher sem que a fisionomia se perdesse. Essas cabeças eram preparadas em rituais com profundo significado simbólico.



Voyage au Brésil dans les années 1815, 1816 et 1817
Prinz Maximilian von Wied-Neuwied -1782-1867

Estampa 11; Combats singuliers des Botocudes sur le rio Grande de Belmonte. Durante dois anos, o autor percorreu o litoral do Rio de Janeiro até a Bahia. Nessa viagem contou com a colaboração de naturalistas.

Registros Linguísticos e Fotográficos
Índios Tikuna, Alto Solimões

Representação da materialidade sonora por meio de alfabetos específicos; no alto, transcrição e tradução da sequência falada da língua Tikuna, Índios Tikuna, Alto Solimões, 1980. Embaixo, registro da língua e fotos de Curt Nimuendajá, 1940.

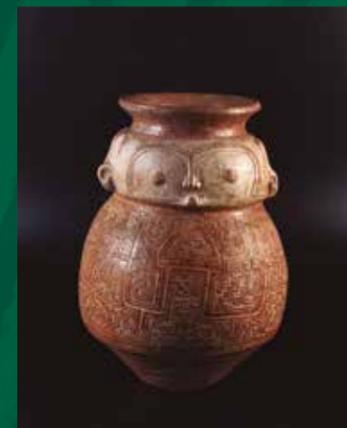
Lâminas de machado, s/data.

Os machados líticos semilunares foram produzidos por grupos hortícolas na pré-história brasileira, em diferentes matérias-primas, para fins cerimoniais.



Máscara ritual.

Alto Solimões, Amazonas, 1945



Vaso antropomorfo representando homem sentado
Cerca de 1000 a 1400 a. C. Cerâmica Santarém, Pará

A postura corporal, os lóbulos perfurados e outros ornamentos sugerem a representação de uma figura de prestígio.



Múmia Aymara de indivíduo do sexo masculino
Lago Titicaca, região andina, entre Peru e Bolívia, s/data.

Segundo a tradição Aymara, o morto era vestido, sentado com os joelhos juntos do queixo e amarrado. Em seguida, era tecido um cesto envolvendo o corpo, deixando de fora o rosto e os pés. No caso desta múmia, seu crânio está exposto porque o tecido que cobria o crânio não se conservou.

O INCÊNDIO

Domingo, 2 de setembro de 2018: a data ficou mundialmente conhecida pelo incêndio de grandes proporções que, à noite, atingiria a sede do Museu Nacional, o Palácio de São Cristóvão. Naquele dia, o Museu recebeu mais de dois mil visitantes.

Últimas testemunhas da existência de um prédio suntuoso, símbolo de uma instituição bicentenária, que quase viria a colapso algumas horas depois. Era cerca de 19h20 quando os seguranças da instituição perceberam os primeiros sinais de fumaça, acionando o Corpo de Bombeiros. Infelizmente, ao chegarem na Quinta da Boa Vista, os bombeiros depararam-se com hidrantes sem pressão suficiente para que a água pudesse alcançar o fogo.

Ao todo, foram cerca de 10 horas de fogo incessante, com chamas que chegaram a alcançar mais de mil graus celsius, contorcendo vigas, derrubando telhados e lajes, destruindo coleções de acervos de história natural e de antropologia, escritórios de trabalho, laboratórios, salas históricas e as áreas de exposição.

Tão rapidamente quanto as chamas que atingiam o Palácio, logo a comunidade de servidores e alunos do Museu deslocou-se para a Quinta da Boa Vista, de onde, atônitos, acompanharam os fatos que se descerravam diante de seus olhos.

Algumas dessas pessoas, acompanhadas e orientadas por bombeiros, entraram no palácio e resgataram uma pequena parte do acervo, como a coleção tipo de Malacologia, exemplares de Carcinologia, a coleção didática da Seção de Assistência ao Ensino e alguns equipamentos.

Terminado o incêndio, restava o trabalho de rescaldo, que perdurou por alguns dias, até que se constatasse que, sob toneladas de escombros, permaneciam remanescentes vestígios das ciências e da história do Brasil.

Não findava ali o mais antigo museu do país, iniciava-se um novo capítulo de sua história: o marco zero de sua reconstrução.



Um desastre inesperado: o fogo arde num domingo

O MUSEU NACIONAL VIVE!

O Museu Nacional permanece vivo e pulsante na memória da sociedade brasileira, especialmente da população do Rio de Janeiro, e também através da comunidade de pessoas que atuam nesta instituição.

Mais de 400 pessoas trabalham no museu: 214 técnicoadministrativos; 90 docentes; e 120 terceirizados. Além disso, cerca de 500 estudantes de mestrado e doutorado frequentam o Museu Nacional para aulas e pesquisa com as coleções. O Museu mantém convênio com universidades e escolas de ensino médio para oferecer estágios acadêmicos e programas de iniciação científica em diversas áreas. Essa comunidade de cerca de mil pessoas mantém vivos o ensino e a pesquisa, tanto quanto as ações voltadas ao público externo, como exposições e eventos científicos.

Após o incêndio o Museu Nacional passou a desenvolver atividades na Quinta da Boa Vista, através de seu setor educativo: • “Encontros com a Comunidade”: acontece em dois domingos por mês, apresentando a Coleção Didática e oficinas com temas científicos.

• “Festival Museu Nacional Vive”: realizado poucas semanas após o incêndio, como parte da Primavera de Museus, com oficinas temáticas de divulgação científica. Uma parceria com o SESC-RJ está possibilitando a realização de mais três edições do Festival no segundo semestre de 2019.

• “201 Anos do Museu Nacional”: o evento levou cerca de 50 mil pessoas à Quinta da Boa Vista. Com a participação do SESC-RJ, dezenas de oficinas, visitas mediadas, apresentações de música, teatro e dança provaram que a instituição mantém sua excelência em ensino, pesquisa e extensão. Um abraço ao palácio, com servidores, alunos e a população, encerrou o evento.

“201 Anos do Museu Nacional”: o evento levou cerca de 50 mil pessoas à Quinta da Boa Vista e foi encerrado com um abraço ao palácio, por servidores, alunos e a população.



A comoção em torno do Museu, levou milhares de pessoas à Quinta da Boa Vista, no dia seguinte ao incêndio, em sua maioria alunos secundaristas que se manifestaram com a perda de boa parte de um patrimônio nacional.



Um outro tipo de manifestação comovente surpreendeu a comunidade do Museu: cartas com desenhos e poemas de crianças, muitas delas sequer alfabetizadas, lamentando o incêndio começaram a chegar na instituição. Demonstrações de carinho e de esperança, que deram novo fôlego a servidores e alunos da instituição.

O RESGATE DE ACERVOS DO MUSEU NACIONAL

Apagadas as chamas, arrefecidas as cinzas, constatou-se que nem tudo fora destruído. Restaram de pé a imponente estrutura do prédio e suas paredes internas, embora enegrecidas e despojadas de seus rebocos e pinturas artísticas. E, sob as toneladas de escombros, a esperança de resgate de parte do acervo. No hall de entrada, cujo teto não desabou, o meteorito Bendegó estava em suas originais colunas de mármore; o retrato de Rondon, embora enfumaçado, ainda guardava sua moldura; e a pintura do índio do Uaupés, imponente figura de pé, achava-se caída e enrolada sobre o piso. No alto das paredes, circundando as fachadas, as 22 figuras mitológicas, Athena e seus vizinhos do Olimpo, poupadas da inclemência do incêndio, impávidas em sua pátrea sobrevivência às chamas, parecem nos lembrar que está apenas nas mãos dos humanos a responsabilidade por fazer renascer das cinzas o “templo de suas musas”.

Esse rescaldo das peças representa também, metonimicamente, uma escavação à procura da identidade no meio dos escombros, para buscar, no meio das cinzas, o futuro do Museu. A escavação em busca do acervo pode, assim, permitir um aprofundamento das raízes, da ressignificação desse acervo. É também, de alguma forma, fazer a arqueologia do imaginário popular no processo de reconstrução como um símbolo de sentimento nacional. O universo museológico se confunde com a própria história política, cultural, social e industrial brasileira.

“Reunir” o seu acervo por tantas formas diferentes e antes inimagináveis é, portanto, uma forma de “refortalecimento” de sua identidade que insere o Brasil no mundo como um símbolo de resistência institucional quase por clamor popular.

O Museu Vive, Viva o Museu!

A ESPERANÇA DE QUE NEM TUDO HAVIA SE TORNADO CINZAS

O dia seguinte ao incêndio, na manhã do 3 de setembro, pode ser considerado o marco inicial do Resgate de Acervos, quando, acompanhados do Corpo de Bombeiros, servidores entraram no palácio e conseguiram retirar algumas das peças que se encontravam aparentes.

No entanto, o trabalho não poderia continuar naquele momento, pois era preciso garantir a segurança estrutural das paredes e lajes remanescentes. Assim, enquanto as obras emergenciais não começavam, foram criados protocolos de trabalho que seriam necessários para as etapas que viriam a seguir. Um mapeamento de todos os espaços do Museu, com a reprodução do que existia em cada ambiente, de escritórios a laboratórios, salas de exposição e de coleções, deu a noção exata do que poderia ser encontrado por entre toneladas de escombros.

Enfim, poucas semanas após o incêndio, tiveram início as primeiras intervenções dentro do palácio, a fim de realizar o completo escoramento do prédio, a instalação de uma cobertura, bem como a retirada de todas as camadas de sedimentos que se formaram com o incêndio. Como a maioria dos pisos e lajes colapsaram, a grande estrutura de três andares e 12 mil metros quadrados havia se tornado um único pavimento. Sob os olhares dos operários que realizariam as obras e da então formada equipe de resgate, montanhas de aparentes entulhos, que, em poucos meses revelariam acervos que, de algum modo, sobreviveram às chamas e ao impacto dos desabamentos.



Arqueologia no Museu: o Resgate do que o Fogo não Destruiu

O PASSO A PASSO DO RESGATE

Ao ser encontrada, cada peça é fotografada e tem sua localização registrada para, a seguir passar por um processo de higienização e ser levada à Triagem (em área anexa ao Palácio), onde é novamente fotografada, registrada em formulário e, finalmente, armazenada nos containers colocados na área externa do palácio. Algumas peças, a depender da fragilidade do seu estado, passam por uma intervenção maior, para quem sejam estabilizadas.



MAS O RESGATE CONTINUA...

Após a total retirada do acervo científico do palácio, será o momento de se esforçar na qualificação dos trabalhos de inventário geral e restauro das peças, o que estima-se, deva durar, no mínimo, cinco anos. Para isso, será fundamental que haja apoio financeiro que possibilite a construção de laboratórios adequados para o tratamento deste acervo, a execução do inventário completo, recuperação dos números de tombo e datação das peças que não tenham sido devidamente identificadas. Após o cumprimento dessas etapas cada exemplar resgatado poderá retornar à coleção científica de origem ou compor as novas exposições.



A Equipe de Resgate de Acervos, constituída por servidores da instituição, de diferentes formações acadêmicas, como paleontólogos, arqueólogos, geólogos, antropólogos, restauradores e conservadores, foi responsável, até agora, pela retirada de mais de 2500 lotes de dentro do Palácio de São Cristóvão: acervos de antropologia, arqueologia, geologia, paleontologia, zoologia, além de ornamentos do prédio e itens de coleções históricas.

A RECUPERAÇÃO DE COLEÇÕES RETIRADAS DO PALÁCIO

Atualmente, o clima da equipe de Resgate não é mais de luto e tristeza como há um ano, já que vitórias significativas foram conquistadas. A coleção de Egiptologia, por exemplo, antes considerada a maior da América Latina, voltou a ocupar este posto após centenas de peças retiradas dos escombros do palácio. A coleção de meteorítica foi quase toda recuperada. Neste momento, se comemora a finalização do resgate de peças de coleções como Arqueologia Brasileira, Paleontologia de Vertebrados, Etnologia – entre outras, das quais foram resgatadas mais peças que o esperado. Estima-se que até dezembro se esgotará a fase de trabalho de resgate dentro do prédio.



Amostras de Peças Resgatadas

Representação de tamanduá
Cerâmica Karajá (s/data).

Vaso antropomorfo (1400-1552 d.C.). Cerâmica, Peru

Estatueta do Deus Bés Período Ptolomaico (ca. 350 a.C.). Rocha e pasta de vidro.

O deus Bés era representado como uma figura grotesca – meio homem, meio leão – com a função protetora de afugentar o mal. Evitava pesadelos, protegia os recém-nascidos, e, por isso, estava presente em todas as casas egípcias.

Cerâmica Marajoara
Ilha de Marajó

Não Podemos Desperdiçar Essa Oportunidade.



A RECUPERAÇÃO DE COLEÇÕES RETIRADAS DO PALÁCIO

Em janeiro de 2019, foi inaugurada a primeira exposição após o incêndio: “Quando Nem Tudo Era gelo: Novas Descobertas no Continente Antártico”. Até agora, mais de 7 mil pessoas já passaram pelo Centro Cultural Museu Casa da Moeda do Brasil, local onde a mostra fica em cartaz até dezembro, no Rio de Janeiro.

De fevereiro a abril de 2019 esteve em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil, também no Rio de Janeiro, a exposição “Museu Nacional Vive: Arqueologia do Resgate”, recebendo mais de 220 mil visitantes. Composta por acervos preservados do incêndio e resgatados dos escombros do palácio, o público pôde conhecer melhor a situação do museu após o incêndio.

Um ano após o incêndio, o Museu Nacional inaugurou a exposição “Santo Antônio de Sá: A Primeira Vila do Recôncavo da Guanabara”, em cartaz até dezembro na Caixa Cultural, no Rio de Janeiro. A exposição apresenta os resultados do Programa de Resgate do Patrimônio Arqueológico, projeto originado pela implantação do COMPERJ (Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro) no município de Itaboraí. Através dela é possível conhecer a história da ocupação dessa região que remonta à cultura dos sambaquis (grupos de pescadores-coletores que habitaram a região há pelo menos 5.000 anos), às aldeias de grupos ceramistas e aos assentamentos no século XX.



INVESTIMENTOS PARA A RECONSTRUÇÃO DO MUSEU NACIONAL

Desde o primeiro dia após o incêndio, o Museu Nacional atua na captação de recursos necessários para a completa retomada da instituição, com a reconstrução de seu prédio principal, reestruturação de seus laboratórios, retomada das atividades de ensino, pesquisa e extensão e da ocupação de uma terreno vizinho à Quinta da Boa Vista para a instalação de seus novos laboratórios, prédios de coleções e centro de visitação.

O **Ministério da Educação (MEC)**, em caráter emergencial, destinou R\$ 8.998.057,56 para a realização das obras de escoramento do prédio, bem como dos serviços de salvamento emergencial do acervo, com fornecimento e instalação de cobertura e retirada de escombros. Além disso, R\$ 147.594,98 com os gastos para a instalação dos tapumes em torno do palácio. Em etapa posterior, o MEC, destinou R\$ 1.192.149,53, utilizados na compra de containers para a guarda de acervos resgatados e realização dos serviços de conservação das peças.

Atualmente, encontra-se em execução a elaboração de projetos básicos e executivos para restauração de fachadas, recuperação estrutural e recuperação da cobertura do Paço de São Cristóvão, no valor de R\$ 908.800,00, também investidos pelo Ministério. A UNESCO é responsável por gerir R\$ 5 milhões do MEC para a segunda fase de elaboração de projetos de recuperação do Museu Nacional, que inclui o projeto executivo da reconstrução da parte interna do palácio como também um anteprojeto da ocupação do prédio pelas novas exposições.

Bancada do Rio de Janeiro no Senado e na Câmara Federal

No fim de 2018, a bancada de deputados federais do Rio de Janeiro comprometeu o valor de R\$ 55 milhões para as obras de reconstrução do Museu Nacional, dos quais foram liberados aproximadamente R\$ 43 milhões. Já entre emendas individuais de deputados e senadores, estão disponíveis R\$ 1.810.387,00, de um total de R\$ 2.961.161,00 comprometidos.



Futuro Centro de Visitantes

Doações à Associação Amigos do Museu Nacional

O governo alemão, através de doação à Associação Amigos do Museu Nacional (SAMN), aportou um total de R\$ 757.552,00 utilizados para a compra de equipamentos e insumos para os trabalhos de resgate, conservação e restauro de acervos.

A campanha de financiamento coletivo “Museu Nacional Vive nas Escolas” arrecadou R\$ 110.456,58, através de doações que visavam a retomada das atividades educativas junto às comunidades escolares, bem como a criação de um catálogo digital da coleção didática e seu adequado acondicionamento para empréstimos.

A Associação Amigos do Museu Nacional possui, em caráter permanente, uma conta para doações, a SOS Museu Nacional, que, através de doações individuais, arrecadou até maio de 2019 R\$ 176.376,52.

COMO AJUDAR O MUSEU NACIONAL ATRAVÉS DA SAMN

Reconhecida pela UFRJ como entidade legítima para apoiar ações e projetos do Museu Nacional, a SAMN vem, ao longo dos anos, intermediando o financiamento de projetos acadêmicos e culturais que protejam e beneficiem o patrimônio cultural e científico dessa instituição.

A SAMN assume, portanto, um papel estratégico no momento em que o Museu Nacional/UFRJ, não obstante as dificuldades enfrentadas, empenha-se no resgate do seu acervo, na restauração e modernização do prédio histórico e na reabertura das galerias expositivas da mais antiga instituição nacional dedicada à Ciência em geral.

Iniciativas e apoio de instituições governamentais e privadas, e, sobretudo, o apoio da sociedade em geral proporcionam fôlego a essa renovação e fortalecem a excelência de uma instituição viva e dinâmica cujo legado científico e museológico – núcleos de produção e divulgação do conhecimento às novas gerações – constitui o inestimável patrimônio construído pelo Museu Nacional ao longo da história brasileira.

1. Doação no Brasil Via SAMN (Associação Amigos do Museu Nacional) Banco do Brasil Ag.: 3010-4 C/C: 60.618-9 CNPJ: 30024681/0001-99

Para obter recibo, envie o comprovante da doação para: sosmuseunacional@samn.org.br;

2. Doação no Exterior IBAN: BR3200000000030100000606189C1 e SWIFT:BRASBRJBHE

3. PayPal Através de links nos sites www.museunacional.ufrj.br e www.samn.org.br

A RECONSTRUÇÃO DO MUSEU NACIONAL: UMA GRANDE OPORTUNIDADE!

Vigas de aço pairando no ar, retorcidas com o calor intenso.

Vidros estilhaçados pelo chão, derretidos por conta das chamas.

Ferros entrelaçados em todas direções, expostos por desmoronamentos.

Paredes enegrecidas pela fuligem, decorrente da queima da memória de um país...

A grande tragédia que atingiu a instituição científica mais antiga do Brasil acaba de completar um ano. O dia 2 de setembro de 2018 ficará para sempre marcado no coração das pessoas, sobretudo no das que atuam na área da cultura e da ciência. Como foi possível que uma das principais instituições de História Natural e Antropologia do mundo tenha sido abandonada a sua própria sorte por décadas? Quando estava a caminho o tão esperado recurso para as obras de infraestrutura – abrangendo, inclusive, o projeto de prevenção a incêndio e pânico –, veio a maior devastação sofrida pela instituição em toda sua história. E justamente no ano do seu bicentenário...

Agora o tempo é o de virar a página e talvez a principal lição a ser tirada desse episódio seja a de que o descaso com a ciência e a cultura custa caro. E muito! Estima-se que a implementação de um projeto de segurança completo, que não se limita à proteção contra incêndio, não custaria mais do que R\$ 10 milhões. Agora, sua reconstrução ultrapassará, certamente, os R\$ 300 milhões. Valor que não engloba a recomposição de acervos, uma vez que, entre as coleções que não se salvaram, encontrava-se material histórico e insubstituível.

Felizmente, inúmeras pessoas e instituições nacionais e internacionais fizeram doações que têm sido fundamentais. O Ministério da Educação, do atual governo e de seu antecessor, tem auxiliado na liberação de recursos empregados nos projetos iniciais. Foi concluída a estabilização emergencial do palácio, juntamente com a construção de uma cobertura provisória, que possibilita ampliar as ações de resgate do acervo que ainda se encontra sob os escombros. O projeto executivo da restauração da fachada e dos telhados está sendo desenvolvido e tem suas obras previstas para serem iniciadas ainda em 2019. Verbas foram liberadas para a UNESCO desenvolver o projeto executivo da reconstrução da parte interior do palácio, como também de um anteprojeto da ocupação arquitetônica da edificação, já considerando as novas exposições.

O plano de reconstrução do Palácio já começou a ser desenvolvido, mas necessita da doação de novos acervos. Paralelamente, seguimos atuando para que se efetive a concessão definitiva de um terreno adjacente ao parque da Quinta da Boa Vista. Nesse espaço, serão instaladas novas edificações provisórias (com a utilização de containeres), que, sucessivamente, serão substituídas por definitivas. Além de abrigar nossas coleções (as já existentes e as que forem acrescidas), gabinetes e laboratórios de pesquisa científica, nosso esforço é também para criar um centro de visitação (com exposições e atividades educativas) enquanto o novo Museu não fica pronto. A meta é transformar essa área em um centro

de pesquisa e formação de recursos humanos do Museu: o campus Cavalariças! É urgente retomar nosso atendimento aos estudantes e ao grande público do Rio de Janeiro, um contingente que já chegou a 500 mil pessoas por ano e a 600 escolas, que, agora, encontram-se “órfãs” do Museu Nacional.

O destino acabou nos colocando diante de uma nova oportunidade: reconstruir um museu que esteja alinhado com as principais instituições museais do mundo e que se torne também referência. Assim, é fundamental que organizações se conscientizem de suas responsabilidades em atuar nessa laboriosa tarefa. Não podemos repassar o dever de reconstruir o Museu Nacional para outrem, o compromisso maior é nosso: da sociedade e do governo brasileiro. Por isso, diversos ministérios, em especial o da Educação (MEC), devem empreender medidas efetivas para a reconstrução.

Também é fundamental a ação do Congresso Nacional que, através de emendas parlamentares, de bancada e individuais, deve ser um dos protagonistas desse processo. Será igualmente necessária a participação do empresariado brasileiro. Precisamos restabelecer a credibilidade junto a museus e organismos internacionais, para que possamos contar com seus auxílios na etapa mais difícil de toda a reconstrução: a da recuperação do acervo.

Alexander W. A. Kellner
Diretor do Museu Nacional | UFRJ

Museu Nacional: Bom Para o Rio, Bom Para o Brasil!

Reitora da Universidade Federal do Rio de Janeiro
DENISE PIRES DE CARVALHO

Vice-reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro
CARLOS FREDERICO LEÃO ROCHA

Diretor do Museu Nacional
ALEXANDER KELLNER

Vice-diretora do Museu Nacional
CRISTIANA SEREJO

Diretor Adjunto Administrativo
WAGNER WILLIAM MARTINS

Diretor Adjunto Técnico-científico
LUIZ FERNANDO DIAS DUARTE

Diretora Adjunta de Ensino
LYGIA FERNANDES

Curadoria e Coordenação Geral
THEREZA BAUMANN

Assistência curatorial
FERNANDA GUEDES E FERNANDA PIRES

Produção executiva Museu Nacional
THEREZA BAUMANN
FERNANDA GUEDES
FERNANDA PIRES

Design
GLAUCIO CAMPELO | UNIDESIGN RIO

Fotografias
RÔMULO FIALDINI
VALENTINO FIALDINI
DIOGO VASCONCELLOS
RAPHAEL PIZZINI
GABRIEL CARDOSO
ORLANDO GRILLO
MARCOS GUSMÃO

Assessoria de Imprensa
TREVO COMUNICATIVA

Estudo preliminar Centro de Visitação
INSTITUTO VIRTUAL INTERNACIONAL DE MUDANÇAS GLOBAIS / UFRJ

Agradecimentos
ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO MUSEU NACIONAL, PAULA VAN BIENE, MARIAH MARTINS, CRISTIANA SEREJO, CRISTIANO RANGEL MOREIRA, MARCELA MONNE, CLAUDIA CARVALHO, LUCIANA CARVALHO, SILVIA REIS, THAIS MAYUMI PINHEIRO, AMANDA CAVALCANTI, VALERIA PEREIRA SILVA, VALERIA RIVERA, KYOMA OLIVEIRA, RENATO COSTA, ELIANE FRENKEL, ANNA BAYER DE SÁ, MARCIO MARTINS, VICTOR BITTAR, PEDRO VON SEEHAUSEN, LETÍCIA DUTRA, PAULA AGUIAR, ANGELA RABELO, JULIANA SAYÃO, PAULO REZZUTTI, PAULO KNAUSS, MARIO CHAGAS

Agradecimento especial
CÂMARA DOS DEPUTADOS
CENTRO CULTURAL CÂMARA DOS DEPUTADOS
ACERVO TV GLOBO





Centro Cultural

Secretaria de
Comunicação Social

